



JOSE LEÃO

AVES DE ARRIBAÇÃO

LENDAS E CANÇÕES SERTANEJAS

O producto da venda será applicado em beneficio das victimas
da secca do Rio Grande do Norte

Rio de Janeiro

TYP. CENTRAL DE BROWN & EVARISTO
28 Rua Nova do Ouvidor 28

1877

4
B 869. 1
L 437
av
1877

BIBLIOTECA DO MUSEU FEDERAL

Este volume não se registrando
sob numero 3150
do ano de 1974

AOS

MEUS COMPROVINCIANOS



Quem por berço as selvas teve
Só nas selvas vive bem.

"CARLOS VIANNA."

INTRODUÇÃO

I

O sertão do Rio Grande do Norte é por sem duvida a parte mais torrida que medeia entre as duas zonas temperadas.

Alli os ventos são irregularissimos e contrarios, dando logar á formação dos redemunhos * a que o povo ligou tradições phantasticas e diabolicas.

As chuvas só nos visitam em uma certa epocha do anno e ainda assim são espaçadas, subitas e torrenciaes.

Durante todo anno só ha inverno tres mezes: não acontece como agora que ficamos sem elle.

* Ventos circulares.

Essa circumstancia faz com que o centro da provincia apresente o mesmo aspecto de seccura durante a maior porção do tempo.

As neblinas de junho preparam a epocha de transição; geralmente são ellas continuadas e de um caracter permanente e importuno aos olhos da creança que gosta de rir e folgar pelos campos; mas aos do sertanejo são como a pedra de toque de suas colheitas.

Entra-se dahi por diante no periodo fatal e longo da secca, isso em epochas normaes; os mattos despem-se das folhagens, os rios descobrem os leitos, o capim amarellece nos altos, e nas baixas as moitas de hervas rarefazem-se totalmente.

Esta mudança no clima faz com que a natureza de alegre que era, torne-se triste, monotonia e aborrecida.

As nossas paysagens participam dessa pobreza e falta de variedade no colorido das scenas campestres; os nossos costumes são rudes, porém singelos: e ao calor de um sol ardente definharam as nossas esperanças.

Nasce dessas alternativas com a natureza physica a necessidade de orar entre este povo crente. A imaginação é um dos seus mais notaveis attributos. A credulidade a sua maior riqueza.

Ha poucos recursos naturaes e não obstante vive-se alli uma especie de vida patriarcal e feliz.

Os costumes são placidos e ordeiros e não ha na gente essas explosões guerreiras e uma existencia cheia de aventuras de que temos exemplos em outras populações do norte do imperio.

A este livro, que reproduz em parte os habitos dos nossos sertanejos, falta por consequinte movimento e accão.

Por mais esforços que empregassemos hão de sempre as nossas descripções ressentir-se dessa monotonia e seccura, que lembram a natureza e os accidentes do terreno.

As scenas são copiadas do original e embora alguns annos afastado desses logares

guardamos todavia a recordação grata e fiel de todos elles.

Tivemos em vista escrever para os nossos comprovincianos, a quem offerecemos o nosso trabalho, que é mais um novo esforço tentado no campo esteril para nós das letras patrias.

A sua razão de ser é muito simples: ou calamos em nós esse sentimento vago da poesia que nos visita ás vezes, ou, si o exprimimos em versos, não resistimos á tentação de comunicar a estranhos as doces e agradáveis impressões de que nos possuimos no momento.

Gasta-se em sonhos a mocidade e n'uma outra quadra da vida, quando os dias se nos figuram tristonhos e o coração vazio de amor, deve de nos ser grato e consolador o espraiar os olhos por um livro de versos que nos lembre epochas mais ditosas, indo acordar no pensamento uma ou outra visão que alli se abriga.

Então a musa das nossas illusões douradas, a virgem que primeiro nos sorriu pa-

recerá adejar em toda sua pureza juncto ao nosso leito e recordar-nos-á as felizes disposições de espirito em que amamos tanto e tão cedo.

Ser-nos-á agradabilissimo reviver todo esse passado de illusões á sombra de algum daquelles bosques de que fazemos menção neste livro e ao ar balsamico dos campos respirar com mais socego a ventura de tornar a vêr a terra natal.

II

Demos, posto que mui succintamente, uma idéa exacta do scenario, onde se desenvolve o drama sentimental da poesia e alguma cousa accrescentamos dos personagens que nelle tomavam parte.

Falta-nos por enquanto tractar do genero dessa poesia e das modificações a que está sujeita.

Ainda em alguns pontos ouvem-se coplas dos velhos cancioneiros, substituidos melhor, mais completamente pelos nossos cantadores.

O livro não é de todo em todo moldado á feição popular: passámos por cima dessas fórmas orthodoxas, bellas sim, porém pouco cultas, e fomos receber a inspiração no gráu de civilisação actual que tem o povo.

O sentimento nativo mostra-se aqui tal qual é, e sob a fórmula litteraria mais commum da nossa poesia.

A litteratura nacional não vem a sê-lo por que exprima tão sómente a phrase singela e apaixonada do camponio ou sertanejo, do homem rustico ou selvagem: deverá caracterisar tanto a natureza como o adiantamento de um povo, que a cada instante mais se aproxima do estado de civilisação, e errado andaria quem, desprezando essas verdades intuitivas, se embrenhasse em tradições apagadas dos aborigenes e fosse sorprehender em genesis as theogonias esquecidas desses povos.

Aquelles que amam as ficções poeticas de nossos indigenas si limitam ahi a sua nacionalidade, só demonstram com isso um

indianismo ridiculo e estúpido ou no geral estreitesa de cerebro e vistas curtas no tocante a querer accentuar esse genero de litteratura patria como a verdadeira e unica manifestação da poesia brasileira.

Então, si é um de fóra, como por exemplo o Sr. Pinheiro Chagas * que vem de fazer este interessante achado, a cousa toca ao sublime do dislate!

Si não temos uma litteratura nossa já formada e querem-nos por tudo emprestar uma que não a portugueza, acceitamos a bôa intenção do presente, mas não ha de ella constar de costumes tópicos, pois que não nos consideramos nenhuns selvagens.

É nossa humilde opinião que de todos esses elementos heterogeneos, o nacional, o estrangeiro, o americano, etc., ha de surgir no futuro a unidade das nossas creações litterarias, caracterisadas por um cunho verdadeiramente brasileiro.

* *Critica sobre a Iracema.*

Velho e paralysado á beira do oceano, onde chegam em desmaios os raios do sol da civilisacão pela sua posição no occidente da Europa, estende Portugal as vistas cubicas, posto que embaciadas pelos annos, sobre as verdes aguas do Atlantico e sente com funda magua que não poderá acompanhar em seus sonhos de gloria o condor americano, si quer de longe, por que a extensão das aguas, a fraqueza de suas forças, o espaço indefinido que tem diante de si, lhe interceptam o olhar do Brasil de quem se diz pae e a quem cabe melhor o titulo de tyranno !

O' raiva ! ó dôr ! querer e não poder mirar-se no filho amado !

A alta pretencão de nossos irmãos de além mar funda-se talvez sobre este facto : de presumirem que nós sejamos o doce renovo da arvore agigantada de seculos e que a nossa litteratura, continuaçao da delles, fosse talhada ao gosto antigo !

Como tal não se dá, injuriam-nos.

Maior que o abysmo cavado pelas aguas

collocou a natureza entre os dous povos mais invencivel obstaculo ainda : a diferença de indole.

Esse contraste, que forma a nossa feição particular, é evidente aos olhos de todo o mundo e as nossas concepções litterarias estão ahí para attestal-o.

Jamais os portuguezes poderão chamar seus os nossos cantos, nem confundir siquer as scenas de nossa vida com o seu modo de viver.

Essa diversidade de sentimento juncto á constante aspiração de nos tornarmos diferentes de nossos antepassados será bastante para fazer de nós uma geração á parte, inteiramente alheia aos costumes portuguezes.

De outro lado, em quanto que clamam contra os nossos excessos de linguagem melhor fôra que se resignassem ao papel, que lhes está reservado no futuro, de representar ao lado de nós uma nação morta pela sua decrepitude, considerando mais que uma alma nova em uma nova vida desponta no Brasil

e que precisamos de termos novos para exprimir idéas novas e sentimentos inda não experimentados por elles.

Somos o primeiro a abusar dessa liberdade de expressão e ahi damos a rasão de nosso constante abuso.

Nenhum odio vae nas palavras que proferimos; parecem-nos a verdade; por isso as consignamos talvez que impropriamente na introducção deste livro.

III

No que mais particularmente nos diz respeito, pertence este livro a uma epocha de transição, ao periodo theologico como acredital-o-hia um discípulo da philosophia positiva.

Ninguem é responsável pelas crenças e tradições que lhe provenham do berço.

A infancia alimenta-se de sonhos, tem a quēda para o sobrenatural, e a religião nella deixa de ser uma hypothese theologica para

entrar no dominio da chimera. Os paes ensinam a seus filhos o que aprenderam de seus antepassados : as reformas nesse caso competem ao individuo só e unicamente.

Esta é a historia commum da humanidade.

Paes e filhos são inconscientes nesse ponto do bem ou mal que fazem á sociedade e a si proprios.

Não criminamos a educação que recebemos, nem tão pouco a religião de nossos paes.

Devemos a esta todas as poeticas ficções que ahi figuram como formando a parte maravilhosa indispensavel, segundo os rhetoricos, aos mais insignificantes poemas.

Algumas dessas lendas foram-nos ensinadas na infancia pela pessoa que se occupava de guardar-nos os passos e a quem á pagina 126 deste livro dedicamos uma poesia.

Não teríamos dado a lume a presente colleccão de versos, pensando hoje a muitos respeitos de modo diametralmente opposto, si não fosse esse culto sancto que tributamos ao

passado e pelo qual muitas vezes immolamos as crenças do presente.

Além de que neste momento critico concorremos com o que está ao nosso alcance em beneficio dos nossos conterraneos victimas da secca.

Nesses versos, muitos delles já ha alguns annos escriptos, vāo consignadas todas essas doces recordações que despertam na alma um sentimento terno, ora amoroso como o sonhar primeiro de um noivado, ora tristonho como a lembrança de um amigo ausente.

Sempre que pudemos, porém, e achamos asada a occasião introduzimos nelles um principio estranho, por ventura scientifico, que destruisse o effeito occasionado pela boa dose de crença religiosa.

Como fugir á fascinação do ideal?

Viver é recordar, é ter sonhos e desejos, é amargurar na duvida e crer-se feliz a gente por se julgar amado. O amor é a rosa inspiração dos vinte annos.

A natureza dos tropicos exalta mais e mais os sentimentos do poeta em diluvios de

paixão. As necessidades physiologicas cream esses vagos desejos de um goso imaginario ou real. Dahi o fogo que reverberá de suas composições.

Para sentir assim é mister haver amado muito e nunca deixar de amar.

Si a pobreza dos recursos contrasta com a exaltação dos sentidos, a lucta é descomunal e vertiginosa; irrompe do peito um brado de indignação que é abafado pelo peso do genio.

Ao clarão do incendio vêm-se ao longe estrellas que scintillam no céu com uma luz mais branda. A alma fatigada de tanto desesperar volta ao primeiro sonhar, á paz de outr'ora, e como que eleva-se até onde pairam esses luzeiros do firmamento.

Na plaga sideral chocam-se os infinitos!

O amor em lucta com a miseria é por sobre tudo isso como a dalva do pensamento a lançar clarões furtivos....

O espirito educado para a vida das paixões desconhece essas distancias que separam os

grandes dos pequenos; bastante é que nelle o sentimento do bello esteja bem desenvolvido. No amor encontra as compensações; por conseguinte o poeta não pôde deixar de amar, porque na maior parte pobre assisti-lhe a ventura de ser amado.

Feitas estas observações sobre a parte mais individual do livro, ahi o entregamos tal qual foi escripto, incorrecto, apressado, com o fim unico de despertar entre os provincianos o gosto litterario por esses estudos de poesia popular.

Possa esse esforço ser coroado do melhor resultado e a nossa aspiração será completamente satisfeita.

O gosto que se vae desenvolvendo na província pela litteratura entre os moços, manifestado pelo numero crescido de pequenos jornaes recreativos que vão apparecendo, dá uma idéa exacta do seu amor nascente ás conquistas nesse terreno e promette um futuro auspicioso aos filhos de lá.

O campo é vasto e ainda não arroteado;

trabalho, animação e esperança, e o resultado responderá por nós.

Um aperto de mão aos nossos distintos patrícios, e uma saudade que lhes enviamos nas—AVES DE ARRIBAÇÃO.

Côrte, 8 de julho de 1877

JOSÉ LEÃO



Aves de arribação





AVES DE ARRIBAÇÃO

A PARTIDA

Voa e ao puro céu da patria minha,
— Aves de arribação!
Entrae pelo meu lar, pobre casinha,
Perdida no sertão....
E á varzea que eu amei na forte calma
Dos dias de verão
Dizei adeus por mim do fundo d'alma,
Adeus do coração.

CANÇÃO

Pela manhan nas floridas campinas
Das noites estivaes o orvalho chora ;
São lagrymas do céu que a flôr devora
Pela manhan nas floridas campinas.

A natureza a trescalar perfumes
O valle de frescôr e os montes pêja ;
Além da selva á penedia alveja
A natureza a trescalar perfumes.

A virgem deixa seu casebre occulto
Nos ramos bastos dos jasmins virentes,
Quaes vagalumes dos paús, ausentes,
A virgem deixa seu casebre occulto ! . . .

E vae na lympha borifar seus labios,
Banhar a fronte da frescura amena ;
Levára a noite a divagar serena
E vae na lympha borifar seus labios....

As borboletas, que do rocio vivem,
Pousam nas folhas de cheirosa planta
E a virgem passa e com seu busto espanta
As borboletas que do rocio vivem.

Tudo é poesia no serião ; ao longe
As áves cantam : matinal gorgeio !
Os serros fumam, que celeste enleio !
Tudo é poesia no sertão, ao longe.

Nós dous

Era á hora da sésta; os passarinhos,
Recolhidos á sombra, se abrigavam
Sob os véllos macios de seus ninhos.

As serpentes no chão tredas rolavam,
Procurando do ardor do intenso dia
Os dôrsos mitigar que se abrasavam.

Um vago sussurrar, surda harmonia,
Como a casca que estalla do páu-ferro
De espaço a solidão fraco irrompia.

Foi nos mattos em flôr, juncto de um serro,
Que nos vimos a sós longe de casa,
Descendentes de Adão, cridos em erro!...

Não é tão meiga assim si a debil aza
Á próle estende a mae.... casta rolinha,
E a beijal-a de amor toda se abraza !

Quando o sol descambou, á tardesinha,
Fui a lenha rachar que me pedira
Em paga desse ardor a amante minha.

Ora, ausente de mim, talvez suspira
N'algum sitio de além, triste e chorosa,
Emquanto o bardo seu geme na lyra.

Da vida na manhan, foi como a rosa
Que o vento desfolhou por cercanias ;
Como a onda do mar silenciosa
Que d'encontro quebrou-se ás penedias.

O FIM DA TARDE

O quadro é seductor ! cruzam-se ao pateo
Os rebanhos das brancas ovelhinhas ;
E nos cimos das serras mais visinhas
Cobrem-se as rochas de dourado fumo.

É á hora em que o sol descendo a prumo
Á natureza uma saudade envia ;
É a hora fatal da nostalgia,
Dos recordos da infancia esvaecida.

Hora cheia de amor, de encanto e vida.
Em que o céu é sereno e a tarde calma !
Livre dos laços sensuaes a alma
Ovante segue a vastidão do espaço....

No firmamento luminoso traço
Destaca as sombras do arrebol poente,
E as sariêmas no cantar plangente
Relemboram queixas de maguado pranto.

Escuri-negro do vergel o manto
Traz para a scena da tristeza as côres,
E os prados todos em que brotam flôres
Ledos scismares despertar nos podem.

Hora saudosa ! a cujo amor accodem
N'alma da gente sensações fagueiras ;
Ao pôr do sol nas limpidas ribeiras
Mais doce a vida nos sertões exulta.

Entre carrascos a Fazenda avulta,
Scisma alli o vaqueiro apôz á lida
Ao seio quente da mulher querida,
Onde a cabeça reclinada occulta.

Versos a Maria

Dizem que és bella, Maria ;
A flôr dos teus lindos seios
É rosa de Alexandria.
Oh ! deixa mirar-lhe os veios....
Que loucura, meus amores !
A flôr de teus lindos seios....
Será como as outras flôres ?

Os sertanejos te amam ;
Mais que todos elles, eu ;
Junctos á uma te chamam
« Anjo perdido do céu ! »
Divinisam teus enleios,
Mais que todos elles, eu,
A flôr de teus lindos seios !

Maria, eu amo-te, calma,
Sobre os lençóis de teu leito,
Quando divaga tua alma
Em sonhos virgens do peito....
E a rosa dos teus amôres
Sobre os lençóis de teu leito
Abre á luz mimosas côres !

Dizem que á noite, Maria,
Todos os maus pensamentos
Que nos assaltam de dia
São sonhos de aprazimentos....
Em mim os tibios anceios,
Todos os maus pensamentos
Dissipa a flor de teus seios.

PAYSAGENS

Ao pé da serra a moradia alveja,
Um cercado alli 'stá do matto em meio,
Onde o gado que ao longe se vagueja
Conserva-se prendido, até que esteja
Esquecido dos pastos donde veio.

Tem curraes a Fazenda, dous chiqueiros,
Recolhidas cabrinhas que dão leite
E ovelha em démasia ; nos terreiros
Ha gallinhas, perús ; alguns celeiros
Estão cheios de arroz, legume e azeite.

Á tarde nos moirões de uma porteira
Sólta a voz o moleque da Fazenda ;
Vão-se os moços sentar juncto á clareira
De um bosque alli ao pé ; enquanto á esteira
Tróca bilros a velha e faz a renda.

De barro alevantada, uma parede,
Impedira o correr á lympha mansa :
E eis ahi um açúde, aonde a sêde
Mata todo animal ; de longe, vêde,
Assimelha-se a um mar posto em bonança !

Muito cedo depois de beber leite,
Ás cercas do curral, pelos vaqueiros
Tirado á vacaria ; ha seu deleite
Em banhar-se acolá. Mas, que, as espreite,
Temem virgens, alguém, dentre os pereiros !

Paysagens naturaes ! desta cidade,
Onde reina o prazer em confusão,
Eu transporto-me além á soledade
E devasso o porvir e a immensidade,
Vivendo entre delicias no sertão !

A MORTE DE THEREZA

O matto inda conserva o alegre manto
Do inverno que passou;
E a cova que se abriu no campo sancto
Já de todo fechou.

Fazem tres mezes só que eu vi Thereza,
Aquelle serafim !
Morrerà por S. João; tanta pureza
Jamais verei assim !

Toda a gente chorou; que bôa gente
Aquelle do logar !
Si morre uma pessoa, de repente,
Põe-se tudo a chorar !

Foi-se, á pressa, chamar por toda parte
O bom do confessor;
Andava em desobriga *; e a pobre martyr
Não resistiu á dôr!

Morrer sem confissão! sem ter contado
Os peccados a Deus,
Seria uma rasão para o culpado
Não alcançar os céus!...

Ella, a pobre coitada, era inocente;
Nem soube o que é peccar!
O padre que uma vez a ouviu tremente
Mandou-a levantar....

Thereza não morreu; dormita apenas
Vivendo na memoria
Da gente que a creou, livre das penas
Da vida transitoria.

Vem á tarde cantar juncto á egrejinha
Nos ramos de embuzeiro
A branca sabiá, chilra a andorinha
Nas bicas do telheiro.

* Visita parochial.

A natureza chora ao sol poente
Saudade de Thereza ;
O chão em que ella jaz parece quente
Ainda de tristeza.

Choram todos a flôr das sertanejas
Bem morta por S. João.
Feliz de quem morreu ! Bemdicto sejas
Auctor da creaçao !

VOZES NO ERMO

Chove; nos campos desabrocham flôres;
Leva a neblina a viração do sul ;
E as borboletas vão colhendo os vôos
Das azas negras de brilhante azul.

Que doce aroma a rescender dos ares
Na luz serena de aniladas côres !
Que paz tranquilla nas manhans de inverno
Ao ledo influxo de um viver de amores !

Humida terra inda roreja em bagas,
Falla o regato á cachoeira erguida :
« Dá-me o teu seio, meu amor ! em quanto
Não me desfaço na veloz corrida ! »

Salta da varzea na relvosa alfombra
A esguia corça pressentindo a gente ;
As aguas correm dos erguidos serros,
Róla a pedreira ao remoinhar da enchente.

E a matta virgem, que confina aos rios,
Queixas desprende de irritado espectro,
Porque da chuva o temporal desfeito
Crestou-lhe os membros, lhe abatera o sceptro !

Casam-se ás vozes de tristezas tantas
O som festivo e o gazear das aves ;
Na minha terra quando a chuva cessa,
É doce o accento das canções suaves !

A natureza se transforma em hymnos,
Os céus se azulam como as longes serras ;
E a voz dos campos se difunde em sonhos,
Como as miragens das desertas terras !

O DESFOLHAR DA ROSA

A GARCIA REDONDO

Era ao tempo em que a flôr dos espinheiros
Cahia em profusão ;
E os regatos cançados de correrem
Seccavam no verão....
No céu de meu Brasil nem uma nuvem
Passava no sertão.

Era ao tempo em que a rez desce das serras
Em busca de beber ;
E o velho caçador para lá sóbe
Afim de mel colher ;
Em que a vida do pobre é mais difficult
E dura de viver.

Em casa de Labão todos acordam
E tractam de rezar ;
Primeiro que ao trabalho, a Deus se entregam,
Naquelle doce orar....
Vem a aurora rompendo, muito ao longe,
De onde fica o mar.

Rescende o bogarim de brancas flôres
Ao vir da madrugada ;
Canta a craúna na aroeira ao perto
Seu hymno de alvorada !
E em casa de Labão inda se resa
Á sancta mais amada !

E antes de ser dia, quando as aves
Começam com seus trinos,
A filha de Labão, a pobre orphan,
De dotes peregrinos,
Deixa o rancho do pae e segue avante
Sem crêr nos máus destinos !



Era seu nome Rosa ; como aquella
Não abrem mais botões....
Creára-se entre flôr a flôr mais bella
Das invias solidões ;
A rama, que a brotou, que á luz a déra,
Seccára os rébentões !

Rosa, ao amanhecer, que lindos sonhos
Desperta o doce albor !
No êrmo a flôr do val treme aos protestos
E beijos de outra flôr ;
Ellas se amam tambem : conduz o vento
O germe deste amor.

Rosa, tú és a flôr que desabrocha
Amor no coração !
Vio-te além desse val um pegureiro
E morre de paixão ;
És a causa innocent de seus males
O' flôr deste sertão !



Era ao tempo, tambem, das noites bellas
Tão proprias de caçar :
Em que a lua madruga no horisonte,
Mas, fraca, a clarear ;
E as varas de queixada e os campineiros
Vão longe passear.

Era ao tempo em que o misero vaqueiro
Repousa na Bebida *
Á espera de uma rez que não se ha visto
E conta por perdida,
Em que os filhos da terra vão, de longe,
Das onças na batida.

* Tambem chamado Bebedouro, logar unico no tempo de secca onde bebe o gado.

Havia de manhan adormecido
 Á orla do caminho
Um mancebo gentil, terror das caças,
 Do manso passarinho,
E forte atirador que busca as aguias
 Fugidas de seu ninho.

Por juncto áquelle esplendido vargado,
 Á luz do sol nascente,
Vio elle um certo dia a flôr dos bosques
 Surgir-lhe, de repente !
E a contar-se dahi, na solitude,
 Que vaga tristemente.

Mas as horas se vão, as manhans voltam,
 E Rosa sem tornar ;
E o mancebo alli vem dormir as noites,
 A fim de a lobrigar :
E a moça que conhece-lhe a constancia
 Tem impetos de o amar.

Agora, eil-a que achega-se de um vulto,
 De manso, sem tropel ;
Contempla aquelle rosto prasenteiro
 Á sombra do vergel !
E falla ; a voz do amor é doce como
 Da jandahyra o mel. *

* Abelha amarella.

De um sonho, em que talvez se extasiára
Ouvindo a sua amante,
Acorda o caçador ; seus olhos buscam
A image interessante
Daquella que é senhora de sua alma
E a vê, terna, offegante !

De um pulo a tem nos braços enlaçada,
Unida ao coração ;
Ella treme, descóra e não se atreve
Fugir á seduccão
Por que sente su'alma abrir-se aos éstos
De intima paixão.



Dahi não muito longe existe a gruta
Mais casta dos amores ;
Por limpidas manhans sahem de dentro
Dous léstos caçadores....
Os mysterios de lá dil-os a auróra
De juncto ás bellas flôres.

Em casa de Labão, quando apparece
A rosa mais gentil,
É triste e merencoria como a lua
De março para abril,
Quando as nuvens no ar vagam silentes
Por céu que foi d'anil !

E a gente que a examina não se afoita
A interrogal-a um dia ;
E Rosa os olhos tem presos ao longe
Na branca penedia....
— Encantos de Sereia ou de Mãe d'agua,
Talvez feitiçaria !

O velho que uma vez foi-lhe ao encalço
Morrêra de desgosto !
E Rosa, indiferente á sua morte,
Conservá alegre o rosto,
E, em vez de madrugar e ir á gruta,
Fizera lá seu posto.

A RÊDE

Ouvem-se gritos apressados, longe :
— Irmãos das almas ! diz o echo além.
E ao mesmo tempo se desenha o quadro
De um triste enterro que correndo vem !

A rête passa recurvada ao pezo
Do sem-ventura que no val morreu ;
Segura ás pontas de um varal comprido,
Fluctua a rête similhando um véu !

As gentes todas contristadas choram ;
As arv'res fitam, do caminho, a rête :
E tudo indica que um pezar de morte
Invade o peito que a chorar despede !

Erguem-se as aves ás primeiras vozes,
Soltam pungentes, dolorosos pios ;
Ah ! todas ellas pranteando o morto
Somem-se ao longe nos vergeis sombrios !

Vê-se, distante, assoberbar o espaço
As alvas torres da modesta egreja ;
E o cemiterio se afigura proximo ;
E as casas, tudo, para logo alveja !

— Irmãos das almas ! brada a voz de novo.
Vês ? A cidade já nos fica perto !
Diz o vigario que quem leva os mortos
Goza indulgencia lá nos céus, é certo !

E a rôde marcha acelerada, vôa
N'asa ligeira deste povo crente !
De muitas leguas o defunto é vindo
Aos hombros fortes da devota gente !

Succede ás vezes que o inimigo morre,
Que acaba aquelle que malquisto é ;
Ai ! nem por isso deixará na morte
De ter ao lado quem lhe exhorte a fé !

É crença entanto nesse povo rude
Que a alma do morto não alcança o céu,
Si antes da hora lhe chegar, foi elle
De vida eirada * té que enfim morreu.

Embora fosse ; assim que morre é logo
Levado ás portas da cidade em rête :
Ao cemiterio a sepultura cavam
E por sua alma juncto á cruz se pede !



* Idiotismo frequentemente empregado.

GOZOS EXTINCTOS

A EUGENIO TOSCANO DE BRITO

Um dia eu me virei para 'o passado
Com a dôr no coração,
E perguntei a mim : quem ha mudado
Meu sorrir em chorar, pondo a meu lado
Tão triste isolacão ?

Via ao longe na curva que formava
Dos dias decorridos
Minha aurora de amor, que resvalava
N'um pelago sem luz ; a flôr murchava
Ao sol dos tempos idos !

Só me restam do mundo entre ruinas
As crenças do passado ;
O desejo de vêr inda as campinas
Onde alegre soltei vozes divinas
Na infancia descuidado.

Outras sombras além passam fugindo
Na téla do sentir ;
— A casa onde eu nasci e vi sorrindo
A luz de um puro céu mais claro é lindão
Que os sonhos do porvir.

Escuto inda gemer a voz do rio
Nos ramos do espinhal !
E tudo me recorda o espectro frio
Do cadáver do amor e o murmúrio
Do vento sepulchral !

A PROPHECIA

Logo apóz ao nascer, triste velhinha
« Pobre creança !... » murmurou, dizendo ;
« Hoje as estrellas de manhan choraram, »
« Signal de agouros estou nellas lendo ! »

Cresce em seguida a flôr; o sol da infancia
Brilha em seus olhos com celeste luz ;
Serena e calma se deslisa a noite,
Tudo á innocencia nesse andar conduz.

Eil-a já moça ! mais formosa, quando
A voz desprende no silencio augusto.
E a cada nota, que resôa ao longe,
Treme sua alma repassada em susto !

Ama ou não sabe si o fará na vida,
Vive e ignora porque então viveu ;
Soffre e não sabe do soffrer a causa,
Pensa e ignora que pensar é o seu !

Ha desprazeres, ha desgraça, ha maguas,
Dôr ha mais funda que se eguale a esta ?
Tão jové ainda e definhar na quadra
Dos puros sonhos, illusões e festa ?

Entre as roseiras, que no prado crescem,
Ha plantas murchas que a geada assóla,
Nem todas ellas tem ramagens verdes,
Nem gosam todas do calor a esmola.

Assim d'entorno dos curraes no inverno
Vemos creanças se afastar sorrindo ;
Coradas, louras, rescendendo a leite
Voltar á choça com semblante lindo !

A flôr dos campos, como a flôr dos ares,
Nem é mais bella nem tão bellas côres
Ostenta n'asa e nos rosados petalos
Como essas loucas desbrochando amores !

Mas ha no meio dos rosaes humanos
Flôr que languece no soffrer exhausta ;
Ouviu na infancia predizer-lhe a morte,
E scisma sempre nessa hora, infausta !

E o sofrimento se lhe agrava ainda
Mais, quando ao seio lhe sorri amor,
E a vida inteira lhe parece um sonho,
E cedo pensa que succumbe á dôr !

LÁ

Lá, na sombra dos bosques seculares,
Era tudo ideal, prazer, ventura;
Desdobrava a palmeira seus cocares,
Como a india selvagem na espessura.

Era tudo sonhar: nuvens de incenso
Se expandiam no ar de incultas flôres;
Erguia-se um concerto agudo, extenso....
Era a orchestra rouquenha dos pastores.

Modulava canções aquella gente
Que faziam chorar e entristecer;
A vida era gozar e o clima ardente
Incentivo maior para o prazer!

Nestas bandas do sul essa memoria
Jámais se me apagou da mente um dia;
Em soffrer e penar se cifra a historia
De todo meu sonhar de poesia.

JACINTHA

« POEMA DA VIUVEZ »

I

Nascer bem como a planta e as flores nascem,
Sorrir á luz do sol das esperanças,
Crêr-se ao abrigo do mal para tão cedo
Ver-se só neste mundo, exposta ás dôres,
É terrivel, cruel, sina de morte !

O' musa da tristeza, onde é que habitas?!
Sobre as ondas do mar vagando a êsmo
Ou nas cavernas de maninhas serras ?
Si pouzas sobre o lar do filho orphão
Inspira-me, sentida, alguma estrophe
De lagrymas banhada ! É no silencio
Que a sós comtigo hei meditado tanto
Antes que aos ventos meus suspiros roje!

A casa onde habitou, depois da morte
Do chefe da familia, ás mãos passára
Alheias, de outro dono. Faz-me pena
Recordar os folguedos que tivera
Á sombra ora crescente, ora minguante
Daquelle velho oitão. Vinham dos campos
Nos dias destinados os vaqueiros
Conduzindo ao curral o gado juncto.
E além pelo sopé dos altos montes
A êma de medrosa se escondia
E, de um lado, a brincar ella apontava
Com gestos, que fallar inda não sabe ;
Ella, quem ? Ella, a filha unica é bella
Do senhor do logar ; roseira linda,
Entre as rosas mais ricas do noivado
Aquella foi sem par, em graça e brilho:
Era a primeira dos mortaes e o nome
Teve de flor: chamou-se a creança
— Jacintha !

Era entendido o pae em versos
De um amoroso Ovidio, que nascera
Em tempos que lá vão e além dos mares,
Donde então, como hoje, se importava
A sciencia nos livros. Traduzira
Muitas vezes o nome de *Hyacinthus*
Com sentida expressão, pensando sempre
Ao primeiro dos filhos dar tal nome.

Ai ! pobre sonhador ! tambem poetas
Cuidam de rimas empregar e termos
Que uma vez affagaram seus ouvidos
E prometem causar bonito effeito !

Singela, meiga flôr, Jacintha, o fado
No berço te brindou, foste formosa,
Nasceste como a planta e as flôres nascem,
Sorriste à luz do sol das esperanças
E viveste de amor; foram teus dias
Na infancia sem rivaes além na vida
Cheios de crenças, impressões e dôres !

II

Á tarde, quando o sol sorria aos montes
Em busca de repouso é procurando
Um leito em que dormir, era infallivel
Vêr-se ao lado, brincar, do pae já velho
A creança a sorrir. Com seus dez annos,
Os pés descalços, nús; roupão de cassa,
Os cabellos da côr das nuvens louras
Brilhantes do arrebol, ella fitava
A face do ancião com meigo espanto
E passava de rir (si alguma nuvem
De tristeza turvava o rosto amigo)
A scismar de repente; humidos olhos
Pareciam chorar sem verter lagrymas.

Então, como ferido de remorsos,
O misero ancião cerrava-a ao peito
E fazia por ser o que não era,
Alegre se mostrar estando triste.

Era á hora em que descem dos serrotes
As cabras; animaes procuram limpos
E em que o gado vacum busca a malhada.
Nas entranhas do ar cravam-se gritos,
Cantigas e aboiar; e pelos cimos
Das montanhas d'álém fogem voando
Os echos a acordar as avezinhas
Que se julgam, talvez, prezas ás garras
Dos piratas do ar, negros abutres!
Era á hora, tambem, em que a familia
Junctava-se ao terreiro para o terço
Ás almas se rezar.

Ave, Maria!

Hora cheia de amor, de crenças puras,
Na infancia te adorei! O' bellas noites!
O' noites de luar! Por sobre os altos
Alvejava o capim formando ondas
De dourado oceano.... Oh! não se riam!
É bem secco o sertão no mez de agosto
Em que a lua se mostra mais garrida
E visinha de nós. É secco o campo;
E o que o inverno cobriu com verde manto

Murchára, como a flor das esperanças
Em seio de infeliz.... Unicas brotam,
Á margem do ribeiro, algumas arvores,
Que as raizes contêm nas profundezas
Da terra que banhou passada enchente.

Nessas horas assim ella brincava
Ao collo do ancião; embora alegre,
O semblante trazia pensativo,
Annuncio de desgraças! Mas não tanto
Á tarde quando o sol sorria aos montes
Em busca de repouso e procurando
Um leito onde dormir.... Ness' hora a vimos
Ao lado de seu pae brincar com elle
E, subito, chorar si o via triste.

III

Cresce á sombra do val rasteiro arbusto,
Estende sobre o chão sens verdes ramos,
Apoiando-se assim contra as refregas
Dos rábidos tufões. Depois se embala,
Ergue os galhos aos céus e brotam flores
De seus olhos ao vir da primavera!

Tambem sobre o areial de nossa vida
Cresce á sombra do lar um puro affecto,
Estende sobre nós fracas raizes,
Amparando-se assim medroso e triste

Contra os ventos do mal, da inveja a furia.
Mas si as auras do amor, das esperanças
Banham-lhe as folhas no sorrir primeiro,
Elle ergue-se a Deus como uma supplica
Do seio virginal; floresce e vinga
Nas melhores sazões risonhos fructos.

Mais timida que a rola de seus sitios
Ella vivia no retiro ameno
Em meio à solidão: seu pae, qual sempre,
Era louco de amor por esta filha.
Jacintha, o mais querido dos viventes,
Nem mesmo assim foi livre de perigos!

Um dia que seu pae faltára á meza
Por motivos talvez desta velhice
Que afinal incommoda (É ver Pereira:
Senectus est morbus) foi Jacintha
Ter com elle no leito angustioso
(Feliz por vir á luz em meio delle)
E fallou-lhe com voz que ao pobre velho
Valêra mil cuidados:—Pae querido,
Sou pobre como tu, mas sou amada
Por um bello rapaz a quem.... Córando,
Ia dizer que amava.—O' minha filha,
Elle fallou-me desse amor funesto!
Não pude resistir, filha adorada,

Ao golpe que me deu, tão só no mundo,
Eras a luz que me guiasas onde
Alento me faltava. Ah! filha, eu morro!

Passaram longo tempo a chorar ambos,
Pensando nesse dia em que rompidos
Veria os laços da existencia o velho
E a moça o fio que a prendera á vida.
Como á sombra do val rasteiro arbusto
Estende sobre o chão curvados ramos,
Sobre os braços de amor da casta filha
Rojára-se o ancião n'um doce amplexo
Cheio de notas de ternura e pranto,
Como aos seios d'amante o noivo imprime
Beijo de fogo que custará lagrymas.

IV

Tão pobre n'apparencia aquelle leito
Occulta sobre si ricos thesouros!
De alta perfeição! Nos seus recessos
Treme de sustos, de paixão, quem sabe?
Virgem no amor a peregrina rosa,
Em mimoso botão! Ella não dorme
Nem tem sonno, talvez, espera em ancias....
Oh silencio e respeito! Ella, ignoram?
É noiva a flôr do val, noiva Jacintha!

Porque murchas assim da face as rosas
Estão na quadra dos febris deleites?
Porque tanto scismar quando na vida
Hymnos e flôres tapetisam sonhos?
Pensavas encontrar vida em amores,
Deixaste o divagar pelo remanso
Da aura conjugal e viste a aurora
De um dia de prazer sumir-se ao longe,
Como assombrada de teu leito insonte.

Como nos tempos de cruel molestia
Subito morre uma familia inteira,
Assim em menos de completo um anno
Vio-se Jacintha desolada e triste,
Chorando a perda dos amigos mortos!

Começa a viuez! todo um poema
Passado no silencio dessas horas
Tão ermas de affeição! todo um martyrio
Velado á luz da dôr no quarto escuro
Em meio a isolacão desse aposento
Tão só e horripilante d'entre os outros!

Fraca nos céus a claridade esponta,
Vem tremendo a manhan do frio leito,
Como a biblica flôr das mansas ondas.
Ah! nessas horas do arrebol formoso
Em que nos ares se embalança a nuvem

Dourada pelo sol e em que nos campos
Densos vapores se dissipam breve
É que ella sofre as mais terríveis dôres !
Quer a morte sem Deus ! e mudo e calmo
O céu parece desprezar seus rogos.

Tão douda na paixão ! naquelle peito
Ricos thesouros de affeição se occultam !

V

Peior que a viuvez sobrevinente
Por morte de um dos dois no matrimonio
É ter-se o coração mirrado, triste,
Ao cadaver do amor subjugado....
É não ter-se esperança e conservar-se
Para as angustias de um martyrio horrendo !
É não ter-se na vida um lenitivo,
Ser tão moça e formosa e despresada
Viver á sombra de mortal olvido !

Depois que se casára a flor dos bosques,
Fôra no abrigo de ignotos sitios
Morar com seu amor e lá no ermo
Vira murchar-se uma por uma as crenças,
E as alegrias de sua alma todas
Entregue ao desvario. A noite veio,
Primeira noite em que sosinha a vida
Se lhe figurou má, negra e terrivel !

Pelos espaços solitaria e ébria
Com rosto em meio, remirando a terra,
A lua, a lua cambaleia aos tombos!

Como é sombrio o ciciar d'aragem
Na erma encosta de impinados moutes!

Longe, distante, no solar do templo
De verde coma entrelaçada em flôres
Os raios frouxos do clarão celeste
Batem nas franjas do tapiz de relvas
Em cujas folhas estrelando ondeam
Lindos insectos, fulgurantes como
Do prisma as cores, colorindo as sombras.
O caminho é deserto.

E taciturno,
Erguido em meio sobre as debeis patas,
Fareja os ares impotente especre,
Amigo outr'ora de seu amo e guarda
Fiel da casa contra alheios botes.
Pesam-lhe as palpebras por haver chorado,
Eleva aos céus embaciados olhos
E a lua vendo se acercar do occaso,
Tornar-se grande e de um clarão vermelho
E as faces magras colorir de prompto,
Ladra e se atira para ella em uivos!

Confrange a alma o sentimento nobre,
Que anima a vida desse ser inerme
Em frente á angustia de tamanha perda!

O pranto foge dos maguados olhos
Daquella que perdeu o esposo charo.

Peior que a vinvez no casamento
Por morte de um dos dois, é ver-se livre,
Viver na sombra vegetando inculta,
Como a palmeira cuja fronte meiga
Devassa o campo onde sósinha impera.

VI

Pelos confins do val se estende a noite;
Noite mais negra o pensamento encerra
Da pobre orphan e da viuva moça!

A floresta é medonha! O vento ruge!
E no silencio do azulado espaço
Nem uma nuvem cavalgar se atreve!
O rio geme serpeando em torno
Da negra órla do covil das feras.
Dentro no meio destá selva umbrosa
Que de segredos não palpitar n'alma
De um misero mortal! Eia, poeta!
Canta os mysterios desse templo augusto.

Ao longe, ao longe, no horizonte infundo,
Vermelha e turva se afundará a lua:
Porém nos altos, que lhe estão fronteiros,
Inda uma restea do clarão desse astro
Fraca esclarece.

Tão somente em baixo,
Onde a floresta seu reinado ostenta,
Ha sombra em derredor. Morada triste,
Do verme habitação rasteira, humilde,
Serve de couto ao mais feroz dos monstros!
Ahi as onças resvalando o ventre
No chão coberto de amarellas folhas
Fogem dos echos das humanas vozes
E vão mais longe se occultar nos troncos
Por onde a trilha que conduz ao ermo
Leva da gente os mal seguros passos.

Vêde o perigo que aos mortaes aguarda!

Si fria corre a viração nocturna
Por entre as folhas dos palmaes, se escutam
Lugubres queixas de tristonhos móchos
Ora escondidos no oceano escuro,
Verde, das comas da floresta ingente!

Alli no seio desses troncos virgens
Vivem da noite os aquilões, occultos,
Quando cançados de arrasar os campos

Vão entre nuvens de poeira e fumo,
Fugindo ás pragas dos christãos e crentes
De um leito em busca onde dormir carecem
Para dos membros reavivar as forças.

Quem, sob os tectos desse extenso parque,
Mirasse as frestas que o clarão trahiam,
Cançára os olhos sem lograr um ponto
Fixar do azul do firmamento ácima !
As parasitas, os balseiros densos,
Pendem dos galhos das frondosas arvores,
Vivem da seiva que lhes déra vida !

É basta e emmaranhada a verde selva,
Escura e negra quando a tarde morre,
E nos confins do val se estende a noite.

Mais negra escuridão do que a das sombras
Foi sempre aquella que nos cobre a alma,
Noite mais negra o pensamento encerra !

VII

Longo tempo chorou sobre o cadaver
Abraçada a beijar a fronte fria
Daquelle a quem amou só nesta vida.
Exposto ao ar, á luz por si o morto
Tomára proporções horripilantes.

E entregue á dôr da perda irreparavel
Ella mais morta do que viva, ainda
Tentava embalde transmittir-lhe o fogo,
Que anima a essencia do existir nos seres !

Desprendeu-se, afinal, infecta, horrenda ;
Tinha na face a pallidez da morte,
Nos olhos chispa de ondular incerto !

Quando a noite chegou de novo, ás cegas,
De manso a orla da floresta abrira,
Sumindo-se no manto escuro, umbroso !

A loucura ? (que bem !) pôde a loucura,
Unica, ás almas mitigar as dôres ?

Hoje no valle, onde brotara a rosa,
A flôr mais bella da mansão da vida,
Só resta a crença que existio outr'ora
Creança e moça, o mais feliz dos entes !

Nem ouve-se aboiar mais o vaqueiro,
A êma desce, impune, dos serrotas
E das fallas de amor nem mais um écho !

Á tarde, quando o sol mais se avisinha
Do leito de dormir, fogem rasteiras
As aves nos varjaes, talvez scismando
Nessa pomba do céu que ahi vivêra....

É deserto o seu lar. Além, no seio
Dessa floresta a cuja orla a moça
Sonhára as ditas do feliz noivado,
Tudo nos véda de sondar o arcano
Da vida humana desgrenhada e louca.

Longo tempo chorou!...

Bem como nascem
A flôr, a planta, ella exbrochou no mundo!
Sorrio á luz do sol das esperanças,
Creu-se ao abrigo do mal, porém tão cedo
Vio-se só nesta vida exposta ás dôres....
Teve horrivel, cruel, sina de morte!

SONHO DE POETA

Os trefegos cabellos
Cahindo sobre os hombros
Rolavam pelos combros
De um seio de marfim....

Macios, como vellos,
Arfavam de delicias
Beijando entre caricias
Dous cones de rubim !...

Sonhei-a assim dormida
Em nuvens de perfumes
Aos resplendentes lumes
De um dia tropical.

Não tenho em muito a vida:
Si algum valor tem ella
Daria-o só por vel-a
De um modo mais real.

A ESCOLA

À memoria de meu Avô o Coronel Antonio Barbalho Bezerra

I

Era a eschola bem perto da casinha,
Aonde me criei ;
E, o mestre, meu avô. Pela tardinha
Soltava-se dalli alegre e viva,
De pasta a tiracol, a comitiva,
Que em vida mais amei !

Entre os pés de joá verdes e bastos,
Alli ficava a eschola,
Escondida por trás dos mata-pastos.
E onde o rico aprendia, o pobresinho
Tinha assento tambem, que o avosinho
Fazia-o por esmola.

Era a varzea coberta de espinheiros,
A fóra outro arvoredo;
Ao cafúz * se trepava aos joazeiros
A gente a fachear pombas de bando.
Mas descia-se ao vêr estar uivando
Relampago com medo !

Mal sabia vovô que nós andavamos
As aves facheando,
Chamava-nos á conta e nós negavamos
Dizendo ser intrigas de inimigos.
« Grande mal vos fizeram, meus amigos,
As pombinhas de bando ? ! . »

Excellente velhinho que ensinava
A só fazer o bem !
Um treinia dalli, outro chorava,
Cuidando que vovô castigaria
Com bolos à lição quem não sabia
Dizel-a muito bem.

Eu era o mais mocinho, cinco annos,
Contava unicamente,
Quando fui aprender juncto a meus manos.
Por ser tão boliçoso a causar medo
Mandáram-me estudar assim tão cedo
Na edade de inocente.

* Corrupção de lusco e fusco, crepusculo, etc.

O certo é que aprendi logo e que hoje
Recordo com saudade
O tempo que passou; a infancia foge,
Vem a quadra febril e resta ainda
Uma lembrança dessa vila infinda
De amor e mocidade.

II

Tu foste, ó meu avô, um sectário
Da luz e da verdade;
Diffundiste a instrução como um vigário
De Christo o não faria pelo povo!
Ensinaste-lhe a crer n'um mundo novo
De paz e eternidade.

Aonde te arrojou a mão da sorte
Ahi plantaste a Eschola:
E déste á san razão do fraco e forte
A luz com brilho igual; aos desvalidos,
Aos pobres como Job, aos opprimidos,
Saber tambem consola!

Bemdicto sejas tu entre este povo,
Bemdicto o nome teu,
Devoto da instrução, Socrates novo!
Mudem-se embora as fórmas de teus ritos,
As luzes da razão farão bemdictos
Teus dotes n'outro céu!

Esta duvida atroz que nos persegue
É filha da razão
De um seculo que nasceu ás mãos entregue
De infames coripheus ! Meu velho amigo,
O tempo que passou, que foi contigo,
Era todo embryão !

Tu pertenceste á grey dos patriotas
Que a patria em dezesete
Arrojou á soildão das invias grotas....
Nós hoje o que queremos é bonança,
É paz, sómente paz, e segurança,
Que a vida nos promette !

Agora os que meditam liberdade
Não cuidam mais em guerra
Só tractam da por vir sociedade.
Embalde o sangue teu ferveu nas veias....
Nós vemos na conquista das idéas
A gloria desta terra !

III

Passaram sobre a fronte da creança
Os annos de ventura,
Passaram como sóe ir-se a esperança
Em peitos onde a dôr falseia as crenças.
Inda espero gosar horas extensas
Dos bosques á frescura !

Adeus, meu pobre lar, paterno abrigo,
De sombrias enluctado;
Nos laços de outro amor sonho contigo!
Abre as azas além, materno pouso,
Áquella a quem sonhei dar-lhe de esposo
O titulo adorado!

Eu lhe direi, cercando-a de carinhos,
Aqui, meu doce amor,
Outr'ora eu divaguei tirando ninhos
Ao som do descantar do comboeiro.
É mais agreste aqui o grato cheiro
Da solitaria flôr!

Alli é que meu pae tinha um roçado
De varia plantaçāo,
Onde eu ia botar sentido ao gado....
Armava as arapucas e gaiolas,
Pegava as juritys e pombas-rolas
Nas rumas de feijão....

Além, anjo do céu, passava o rio,
Depois do temporal
Escumando a raivar talvez de frio....
O gado que pastava do outro lado
Ficava á noite inteira como ilhado
Sem vir para o curral.

E com tudo eu me cria entre os brinquedos
Feliz no meu sertão:
A varzea a embalancar seus arvoredos
Encantava-me á tarde com seus sonhos
E os annos me volviam mais risonhos
Na paz da solidão.

A' minha Mãe

Vejo-te além pousada de joelhos,
Orando por meu pae no cemiterio
Ao lado do sepulchro onde elle dorme.
Depois como esquecida ahí jazerés
Por tempo indefinido até que buscam
Arrancar-te esta dôr jamais soffrida,
Que te agarra ao lagedo do sepulchro....
Eu vejo-te e não sei como minha alma
Não morre de pezar, não se desprende
Do involucro fatal a que se liga !
Si não fora este amor que a gloria teve,
Talvez que mais feliz eu fosse agora !
Talvez que de meus olhos tão distante
Aquelle que me deu o ser não visse
A luz dos olhos seus sumir-se em trevas !

Eu soffro tanto, ó mãe, porém, te adoro !
Apraz-me ver-te orar nesse jazigo,
Onde repousam para sempre os ossos
Daquelle que nos foi penhor tão charo !



Quando contemplo a natureza á tarde
Chorosa e triste descorando os valles ;
Serras negras além, mudas, formando
Obstaculos á luz do sol no occaso ;
Si mais contemplo embevecido ás vezes
Na imagem dessa luz sonhos de out'rora,
E doces illusões da edade sancta,
Sentindo a vida remoçar-se aos beijos
Da juventude que me foi tão bella ;
E descubro o meu lar, amigo amparo
Ao viandante que tocava nelle ;
Quando todo esse quadro me depara
A phantasia a reviver prazeres ;
Percorrendo um por um tão bellos sonhos....
Um só pesar me afflige dentro d'alma
É ver tão triste assim teus olhos brandos
Banharem-se de dôr e em torno os vultos
De meus pobres irmãos que tristes choram !



São anjos de meu Deus que tambem soffrem !
Irmans, anjos na terra, nos céus anjos !
Feituras divinaes ! anjos que vertem
O pranto solitario da orphandade
N'um mundo de paixões ! anjos que viram
Na alvorada do amor sorrir a vida.
A gloria os acenar no doce amplexo
Da aura conjugal cujo era espelho !
O nobre coração e os teus mais nobres
Sentimentos de mãe !... anjos que adóro,
Por que me fallam desse amor de filhas,
Dessa innocencia sobre humana d'alma !

Quando meus versos, desfazendo a ausencia,
Chegarem juncto a ti da crúz ao lado
Sob que jazein tão sagradas cinzas
Depõe a todos que minh'alma nelles
Vae inda morna e lhe dirá a prece
Que á noite eu rezo por meu pae aos anjos !
Talvez que lá dos céus onde elle habita
Um raio desse sol que inspira os vates
Desça a pós sobre mim e me eternise !

Ao sol posto

Um raio do poente
Batia-lhe no rosto,
Um raio do sol posto
Na orla do occidente.

De longe aos meus olhares
A estatua dessa moça,
Qual flôr que se embalouça,
Brilhava sobre os ares.

Lembrava as borboletas
Mais leves e douradas
Que existem no sertão,

As candidas violetas
Medrosas, debruçadas
Dos labios da soidão.





RECORDAÇÕES

Que bello! a vida do campo
É uma estrophe de amor!
Adora-se a natureza
Nas obras do creador!
Ha mais perfume na balsa,
Mais vida no pensamento,
Mais sonho na infancia bella
Vozes e queixas no vento!
Cobre-se a matta de flôres
Umas roxas, amarellas,
Azuladas; de mil côres,
Outras ha frescas e bellas.

Além o páu d'arco annoso
Balança a cópa florida
Á margem d'algum ribeiro....
Sob os ramos escondida
Canta a rola no seu ninho
Ao lado do esposo amigo ;
— Afugentam-se os pezares
Onde a paz só tem abrigo —
O ermo trescala aromas,
A rosa encantos descerra
E as nuvens fingindo comas
Passam roçando na serra.

E voam, cortando os ares,
Os passariinhos em bando ;
Desce-se o curso dos rios,
Gastam-se as horas andando.
E os campos são sempre os mesmos,
As mesmas selvas floridas,
Os mesmos singelos quadros
Attestando as mesmas lidas ;
Ricos, immensos thesouros,
Mananciaes de ternura,
As serras com visos louros
Nas tardes de mais tristura.

Como tudo isso me encanta!
E me faz scismar de amores!
Sinto morta a flôr dos sonhos
Na quadra estiva das flôres!
Meu coração insensivel
A's emoções que fruiu
Já não tem mais esperanças
De sentir o que sentiu:
Entretanto esta saudade
Como um balsamo sagrado
Faz-lhe amar a mocidade
Pelo prisma do passado.

CANTA

10 de Agosto

A LOURENÇO MARACAJÁ

É hoje o grande dia! amigo, é hoje,
Em que do mundo á luz, sorriste, vindo!
Como rapido o tempo passa e foge.
És homem, canta, eu te bendigo ouvindo!

O sol abrasador donde cresceste,
Sob os auspicios do mais bello clima,
Aqui gira mais frio ao sudoeste
Mais inda tem calor, eia te anima!

Além, além no seio do infinito,
Existe um Deus eterno e omnisciente ;
Ergue a Elle esta voz, canta, repito,
Tua alma exaltarás, poeta crente.

Bebe a inspiração a longos tragos,
Revive nos teus sonhos de creança :
E, cysne encantador, adeja em lagos
De poesia, amor, paz e esperança.

A vida é como um enorme pesadelo
Em que se estorce o home' a cada instante ;
Só a lyra foi dado combatel-o,
Canta as saudades do paiz distante !

É lá que eu tive o berço, é lá que eu vivo,
Pela lembrança no feliz passado,
É lá que eu quero e morrerei captivo
Preso aos encantos do que tenho amado.

O' minha terra ! meu saudoso asylo,
Visão formosa d'outros tempos idos !
Deus não me mate sem gosar tranquillo
Á grata sombra em teus vergeis floridos !

Toma da lyra, abandonada em horas
De amor, e fogo, e entusiasmo, patrios,.*
Legando um nome ás gerações vindouras,
Da gloria os templos te abrirão seus atrios.

Ah ! canta, canta, eu saudarei as notas
Que se desprendem de teus labios sanctos....
E, como o écho, ás solidões remotas
Irão os ventos repetir teus cantos !



* Sentou praça como o unico meio de estudar, vindo para
a Corte onde morreu sem lograr seu intento.

A flor occulta

Quando se expande aos seios
Nos sonhos da alvorada
Corola nacarada
De purpurinos veios,

E a virgem doce e mansa
Soluça n'um desejo
A voz do sertanejo
Que treme de esperança....

Revela-se a innocencia
Na flacidez amada
Do limbo que desperta;

E a fulva pubescencia
Resborda a recatada
Purpurea flôr aberta !

Lenda do Cabugy

Lá bem no seio dos sertões bravios,
Lá onde o vento o juremal sacode
E a voz do ermo de imponente vibra
E acorda os échos dos visinhos montes ;
Lá onde a intriga se ateiar não ousa
Nem chega o ruido das cidades longes,
Em triste asylo de indigencia negra
Ella vivera e succumbiu. Cantavam
Em torno á choça do vergel as aves.

Punha-se ao longe o sol e mésta rola
Desprendia seus ultimos suspiros ;
Aos primeiros annuncios das estrellas
Ás flores do sertão prantos banhavam,
Não filhos do calor, da luz, das sombras,
Mas dos olhos de Deus, que vela attento
Em toda a natureza : orvalho, gottas
De puro e fino odôr, como te adoram
Essas auras de amôr que o rúcio enxugam.

Sob a magica influencia de teus dotes,
As flôres desabrocham nos pereiros
E o perfume que espalham rivalisa
C'os productos de essencia mais perfeita.
As plantas reverdecem nos baixios,
O vapor que á manhan se eleva em ondas
Assimelha-se a ti, gemmas de prata,
Matutino frescor, salve tres vezes,
Alegrias do céu, prantos do ermo !

Era no tempo que Sumé * pregava
Sanctas doutrinas que aprendêra ao longe,
Depois que a immensidate de um penedo
Cahindo sobre as vagas do oceano
Motivára um diluvio no Universo
E das bandas do pólo se escoaram
As aguas que humectavam sólo inculto,
E as cadeias dos montes resurgiram
Desse vasto lençol de bruma algente.....

Quando o mundo, qual folha arrebatada
Da arvore do Universo, se perdia
Nos espaços sidereos do infinito,
Ensaiando os primeiros movimentos
Na ecliptica alongada dos planetas,
Como um cégo que em vão tacteia as trevas;

* Personagem da mythologia indiana.

Presuppõe-se que, então mysteriosa,
Uma dextra possante e créadora,
Presidira no vacuo ás leis de Kepler.
O sol velava fixo. A athmosphera
Começando a envelver a massa ignea
Fecundava-lhe a crosta esbraseada.
Os vapores crescentes se elevavam
Condensando-se em breve ; eis nasce a gotta
Que se engrossa, se alarga, se despenha,
Accedendo a uma força—a gravidade.
Dahi brotara o mar, profundo abysmo,
Modelo, encarnação da humana força !
Os fremitos da luz por sobre as aguas
Inspiravam canções, alcyon dos mares,
Aos gigantes do abysmo. A natureza
Estampava os mysterios insondaveis
Da vida universal,—materia e força.
As montanhas a um tempo se elevavam
C'roadas de vulcões ; convulsa o sólo,
E nos fundos valados se projectam
As lavas rubicundas !

Cresce, alteia-se,
O fumo incandescente ; a terra aspira
Pelas amplas narinas novo alento
E prosegue veloz, sempre uniforme,
Na corrida sem fim pelos espaços
Concitando no ar as tempestades !

Os elementos ruem ; manam rios
E em murmurio ruidoso se transportam
Ás praias indomaveis do oceano.
Sucedem-se os máus tempos, vem a noite,
Surge o dia, outra noite se approxima
E a sazão que vigora é primavera.

As planicies revestem-se de musgos
Da relva ao lado, verdejante arbusto,
Cresce a raça animal, bravia especie
De monstros multiformes; sobre os gelos
Como bolha de espuma que rebenta,
Habitante polar, se ostenta o urso !
São as aves o encanto das florestas
E, senhoras do ar, vagueiam livres,
Como os peixes no fundo de altos mares.

— Diamante do céu que alveja as noites,
Tu guiaste as primeiras tentativas
Da terra no seu gyro ! Ás horas tristes
De mór escuridão nos hemispherios
Inundaste-a de luz ! Magico espelho
De outros mundos e sóes, porém mais bello,
Mais candido e modesto reflectindo
Seus raios sobre nós.... O salve ! ó lua !

Nessas éras, além, nas nossas plagas,
Do seio do planeta e quasi a prumo,
Com cinta enorme, desnudada fronte,
Ergueu-se dentre os páramos desertos,
Livre das commoções das outras serras
A mais bella no porte e mais faceira
Das filhas de Tupan, altiva, em meio
De pequenas rivaes, dissereis, servas!

No tempo em que se abria a flor nocturna
Que á superficie das lagoas brota.... *

E as mattas virgens do sertão de novo
Verdes floriam na estação propicia
E o ar dos campos onde a flôr desponta
Mais se embalsama ás cantilenaas tristes
Das auras mornas do verão e as tardes
Dos dias idos offerecem quadros
De varias fórmas no matiz, nas côres....

Juncto á beira do mar que borda o matto
Extenso, illimitado e sem verêdas,
Onde reina o jaguar, senhor dos campos,
E o veado se avista repentinao
Surgir como visão de um sonho lêdo;

* Flor do iguapé ou aguapé.

Sob o verde docél da natureza
Á frescura do val, longe das serras,
Uma hora pousou errante horda
De selvagens sem lei, filhos da sorte!

Aquella que viveu pobre, obscura,
Descendia de um rei, dos indios chefe !
Da infancia que passou perdeu-se a trilha ;
Tivera o berço seu nas invias plagas
Da terra americana e quando moça
Fôra attrahida a incestuosos laços....
Um mancebo feroz, da tribu esteio,
Do intento sabedor do rei seu amo,
Oppôz-se com vigor ; amava a india
E fugiram bem sós na madrugada....

Vieram-se acoutar sobre as alturas
De esquisitos sertões os dois amantes.
O genio feminil ao vêr a serra
Tão formosa qual é, bradou pasmada :
— Cabugy ! Cabugy ! Jámais meus olhos
Viram monstro maior ! Olha, seu collo,
Eguala o porte teu: chamal-o-hemos
Cabugy ! Cabugy ! pelo teu nome !



Á direita se estende a cordilheira
Da cadeia maior de nossas serras, *

Á esquerda fica o mar, ao pé as terras
Do verde Pageú, Rio de Ipoeira.

A Lage em frente 'stá; pouco de um lado.
O alto que chamou-se da Lanchinha,
E do qual a correr pela noitinha
Foge o povo de frio congelado.

No rigor da estação, porém, vão elles,
— Comboeiros e donos de boiada —
Beber agua de inverno alli guardada
E os seus ôdres encher feitos de pelles.

Perto a serra o frontal ergue: e bem alta,
Assimelha um titan erecto e nobre
E o manto azul do céu com que se cobre
É puro como o sol que a doura e esmalta!

De longe ao sonhador 'parece a serra
Um peito de mulher com globo e bico,
Um peito virginal e o mais pudico
Por ser de uma vestal, por ser da terra!

* Serra da Borborema.

Salve, sinistra algoz das nuvensinhas
Que passam n'amplidão d'athmosphera !
O' salve, Cabugy ! salve, quem dera
Eterna te elevar nas vozes minhas !

* *

Nova raça abicou sobre esta terra ;
Sucedera-se atroz, cruenta guerra,
Entre povos de além.
As náus que o mar pejavam de hollandezes
Tiveram de se haver com portuguezes
Em luctas de refem.

Quando as aguas do mar cortavam rente,
Attrahiu-lhes o olhar a serra ingente,
Á Batava nação ;
Crêram ver a cabeça de um gigante
Nesse estranho perfil, azul, distante,
No meio do sertão !

Antes delles os incolas da terra,
Morto aquelle que o nome dera á serra,
O bravo Cabugy ;
Já tinham-n'a por deusa de seus lares,
Senhora do paiz, selvas e mares,
Em lingua de tupy.

O sólo onde brotaste mais fecundo
Do que os outros não é ; porém o mundo
O inveja só por ti.
Nem ha matta ao redor de verde coma :
Sómente o vulto teu, soberbo, assoma,
Eterna Cabugy !

— A aguia que campeia nas alturas,
A ave no seu colmo de espessuras,
O caçador das brenhas,
Em ti fixando o olhar de estranho medo
Não sabem si és mortal ou si rochedo
Que sorte acaso tenhas !

Passam levando ao longe os teus mysterios
Os cometas nos céus em sons aéreos
No eterno viajar ;
A lua que se espelha em tua fronte
Dirá si existe além ou serra ou monte,
Que possa te egular !



Nas placidas manhans de dias bellos,
Quando as aves descantam nos seus ninhos
E o silencio do lar perturbam vozes
De accentos infantis e em que na varzea
Arde a lenha a queimar erguendo crespo
Fio de fumo que recorta os ares ;

Quando berra o cabrito e a cabra gemê,
Escondida no vânio de algum serrote ;
A essa hora de amor propicia ás almas
Erra nos bosques solitaria corça !

O écho da soidão por onde vaga
Nem de leve resoa, o branco pello
Á neve em candidez vence e o lyrio.
Os que a vêm passar cuidam comsigo
Que a alma da gentil filha das selvas
Pena em roda do serro a cujas faldas
Annos e annos logo após a vinda
Viveram ambos de caçadas longes,
De longes excursões por juncto ás costas
Do mar que as praias do nordeste banha.

Gente inculta e pagan inda procura
As bençãos do senhor depois de morta....
Findaram muito ha, vagando incerta
Em meio a solidão, seu fado cumprem
Que Deus lhes outhorgou. A alva corça
Protegida no andar por tenue nuvem,
Qual suppõe-se ser alma do guerreiro,
Que em torno ao Cabugy manso a protege.
São raros os que logram vêr taes cousas,
Pois que ás almas do justo unico é dado.

Hoje apenas ficou da serra o nome
E a vaga tradição que outr'ora houve
Um ente que alli veio d'outras terras,
Trazendo, ao lado seu, gentil cabloca
Dos annos no verdor da primavera !
Mas buscando-se além alguns vestigios
Só se encontram visões na mente acesa,
Que a memoria de um ser charo recordam ;
Um tronco a simular um vulto humano,
Uma rocha ao luar.... delles nos fallam.

É grato recordar nas virgens selvas
Lembranças do que foi esta pujante
Raça outr'ora que ousou sulcar o sólo !...
Cada margem do rio nos desperta
Uma imagem vivaz, um pensamento
Do movel que os guiou por essas plagas;
Uma pedra onde jazem caractéres
De toscos animaes, mudos emblemas
Da grandeza dos seus, hieroglyphos,
Que os vindouros jamais hão de sabel-os.

Estranha geração esta que surge
Novos esforços desprendendo em busca
Dos horisontes alargar da terra !
É nobre contemplar vivace a chamina
Da intelligencia a illuminar-lhe o craneo ;

Seguir-lhe o caminhar que ás praias leva
De glorias no porvir n'um mar não longe!
Excelsa Cabugy, possam vindouros
Erguer o nome teu a immensa altura,
— Onde não chega meu cançado éstro!

Possa a fama correr pelo estrangeiro
E tão grande elevar-se a tua gloria,
Que os olhares de todos sequiosos
Atravessando o mar procurem vêr-te
Como estranha, real e inconcebida
Maravilha do mundo! O céu proteja
Com seu manto de azul teus longos dias
E brilhe sobre ti o sol dos tropicos,
Dardejando fulgor, em quanto a lua,
Satellite da terra de que és astro,
Córa e não ousa proferir teu nome!

O negro fugido

É noite; pendem dos serros
Os mantos de nevoeiros,
Estruge pelas gargantas
Dos grandes despenhadeiros
O borbulhar da torrente
Nascida dos aguaceiros !

O tufão varre as catingas,
Deita as arvores por terra;
As onças buscando as furnas
Ululam doudas na serra;
As aves tremem de sustos,
O gado aturdido erra !

É noite de tempestade !
Pelas escarpas dos montes
Se confundem n'um concerto
Vozes e preces insontes ;
São as creanças, do fogó,
Acocoradas, defrontes !

O cachorro da Fazenda
Uiva aos brados no terreiro ;
As creações se atropellam
Unidas sob o telheiro.
E os relampagos fuzilam
Nos altos do taboleiro !

Surge um vulto alli de em roda,
Todo negro e quasi nú !
Affronta as iras do tempo
Com firme olhar : a mim, tu !
Si és demonio ou tempestade,
Eu tenho o genio mais crú !

Braços crusados no peito,
Sonda os páramos do céu !
Vê nas trevas um monturo....
Rasgando da noite o véu
Arroja um fulgido archote
No casebre que foi seu !

« Raça infame de bandidos
Fizera de mim escravo !
A natureza mais terna
Nunca me deira um só travo
A beber ! contraria delles
Fizera de mim um bravo ! »

E vio-se ás chamas dos raios
Junctar-se as chamas do lar !
O quadro mostrava o fundo
De um navio sobre o mar
Em noite de tempestade,
Voando em chaminas ao ar !

Depois rojando blasphemias
A Deus, aos homens, ao mundo,
Volve impavido o phantasma
Com sinistro olhar, profundo !
Por onde passa os abyssmos
Se aplanam, mostrando o fundo !

É elle ! o filho maldicto !
Raça de Cham foragido !
Odeia os vivos e mortos,
Só ama o antro escondido.
Ninguem o vê que não trema
De pensar que anda fugido !

Na infancia o pobre captivo
Teve tambem a seu lado
Alem dos paes, nm anjinho
De rosto escuro, engracado,
Uma irman, ente bemdicto,
Com que Deus tinha-o dotado !

Assim é que em noites claras
Ouve-se ao longe a toada
Daquella voz que parece
Ir de quebrada em quebrada,
Até sumir-se distante
Chorando a vida passada.

Eu te saúdo, guerreiro,
Descendente dos Palmares!
No teu quilombo de pedra
És senhor dos.... teus pezares!
És livre como os abutres
Que farejam pelos ares !

E nós ! soffremos o jugo
De um rei infimo e bastardo!...
No peito crepita a chamma
Do entusiasmo em que ardo!...
Quando ouvirás, minha patria,
Livres os cantos do bardo?

Ergam-se os homens á altura
Onde não chegam condôres,
E a Jerichó dos monarchas
Caia ao som de seus tambores
E sobre o sólo d'America
Sejamos to los senhores !

A ESCRAVA NO LEITO

Um raio de luar lhe bate em cheio,
Alvejando os varaes do tosco leito;
Estendida em langor, arfante o peito,
Dorme a joven captiva em devaneio.

Era bello de a vêr assim no meio
Do mais nobre sonhar, triste, desfeito;
Um amor infeliz, amor suspeito ,
Mal se esconde ao bater daquelle seio !

Escutam-se mover passos ao perto,
Alguem que alli penetra, vem macio,
E demora o pisar subtil, incerto....

Nada ouviu-se depois : o vento frio
Toda noite escarvou pelo deserto
Irrequieto a clamar em desvario !

O quinguingu

Além o sol se poz, eis chega a noite,
De escuro ou de luar ?
Pouco importa saber. Déram seis horas
E quer-se descançar.
Mas, não, não é assim ! O pobre preto,
Ainda meio nú,
Si deixa o labutar, falta-lhe ainda
Fazer o quinguingu.

Depois que se acabou todo o serviço
Suspende-se o feitor
E antes de dormir diz aos escravos :
« É ordem de senhor....
Ouçam bem gentes lá, hoje de noite,
Espera-os o feijão....
O milho a debulhar.... lenha á fornalha....
Emfim temos serão !

« Vão seis a despontar no picadeiro
A canna de moer ;
Dous os eixos lavar e o pé do engenho
E uns doze remover
As fôrmas que lá 'stão para os andames
Da—casa de purgar—
Um esfregue o paról, cinco ás caldeiras,
Vão outros vaquejar....

« Porque, quando romper a madrugada,
Ha tudo feito já ;
E aquelle que furtar-se a seu trabalho
Melhor é n̄o 'star cá :
Prefiro assim falar que dar pancadas
Por almoço a vocês.... »
Não cessa de dar ordens ; assim passa
Um dia, todo mez.

Aquelle tarefar fóra de horas
Chamou-se — quinguingú —
Por quem de noite o faz. O' triste praga,
Escravidão és tú !
Nas safras assim é: a escravatura
Vae antes de deitar
Uns aquillo fazer, o resto delles
O mais que então faltar.

Entretanto o viver daquella gente
Desperta algum amor ;
Um canta a trabalhar, outro responde,
Levanta-se o rumor.
Qual dos dois vencerá nos desafios ?
Isentos de affeição,
Só podem modular as tristes neniais
Da sua escravidão !

Outros dansam mofando das creoulas,
Que fazem quinguingú.
Esta brada a engrolar : me deixa, preto,
Que eu estou de murúru !
Risadas de prazer ouvem-se acaso
Em todo aquelle afan ;
Quem nada trabalhar espere a tunda,
Que vem pela manhan !

Si a noite é de luar depois de tudo
O preto vae dormir ;
Si é de escuro, porém, pensa no roubo
Em logo mais fugir....
Que lei, religião tem esta gente
No campo ou na cidade ?
Nenhuma : todas tem ! Falta-lhe apenas
Gozar da liberdade !

CANÇÕES DO ERMO E DA CIDADE

I

OS TEUS E OS MEUS OLHOS

Si fito esses teus olhos
Desvio logo os meus;
Não sei que força estranha
Emana de tua alma
E luz nos olhos teus!...

Eu penso que teus olhos
Me falam de paixão
E temo que descubras
Tambem nos meus olhares
As chammas de um volcão.

II

AO CORRER DA NOITE

Reclina-te ao meu peito
Em flacido abandono ;
Sem ti meu pobre leito
É triste ; horrendo o somno !

Sem ti, que valem flores,
Estrellas, céu e lua ?
Gozar um céu de amores...
É ver a imagem tua.

Oh ! vem nesse abandono
Brilhar sobre meu peito,
Nas horas em que o somno
Se ausenta de meu leito !

III

DELIRANDO

O teu viver de moça,
A gloria de ser bella,
Luzir como as auroras,

É nuvem que balouça,
É céu, é luz, estrella,
Pensar de minhas horas !

IV

RESPOSTAS

Que idéa fazes da vida
Que entre dous seres se esvae?
Julgas talvez que são sonhos,
Dias passados risonhos,
Sob os tectos de teu pae?...

Como te illudes, creança,
No teu modo de pensar....
E não suspeitas de leve
Que nesta vida tão breve
Viver é sempre gozar!...

É ter ao lado constante
A virgem do nosso amor;
E ver a crença de um dia
Transformar-se na alegria
Que bebe a aura na flôr.

Tu, que vives de um desejo
Tão casto, tão virginal,
Não podes fazer idéa
Do que seja esta epopéa
De amor ao goso real!

V

NINGUEM !

Agora, sim, és noiva,
Senhora de meu peito !
Espera-nos o leito
E a gloria mais além !...

Agora, sim, és minha ;
Ninguem mais pôde agora,
Roubar-te a mim, senhora,
Ninguem ! ninguem ! ninguem !

VI

A TRAIÇÃO

Que sentimento doce
Transvasa de minh'alma....
A dôr anniquilou-se,
Volveu-me a antiga calma.

Ai ! não, não é verdade !
Volveu-me o desengano,
Que fez da humanidade
O seu maior tyranno !

O' mocidade, ó crença,
O' filha abençoada
De um sec'lo de illusão !

Na vida pouco extensa
Amor não é mais nada
Que um calc'lo da razão !

VII

ERAS, SI FORAS

Tu eras a sertaneja,
Com que brinquei nos meus dias
De alegres horas de amor :
Que via correr nos prados,
Arregaçadas as vestes,
Para colher uma flôr.

Como eu tremia de vêr-te
Tão alva, tão tentadora,
Tudo, de casto que eu era !
Fingindo nada haver feito,
Vinhos trazer-me as mãos cheias
Das rosas da primavera !

O' filha de um céu mais puro,
De uns ares mais perfumados
Das varzeas do meu sertão!
Nunca fôras imprudente
E ver-me-ias p'ra sempre
Unido ao teu coração !

Nunca fôras tão perjura,
Tão fementida e diversa
Daquella que me deu flôres....
E talvez que inda podesse
Prendendo as almas n'um beijo
Reviver nossos amores !

VIII

ULTIMA ESPERANÇA

Mordêra-te o ciume,
O áspide do amor....
E perjuraste, ó filha !
O' desgraçada flôr !

Mesquinho ser fugiste,
Tomada de despeito,
Me arrebatando as crenças
Mais candidas do peito !

Só resta uma esperança
Bem triste nessa parte :
É ter ouro bastante
Com que possa comprar-te :

E crêr que nesse dia
Que fôres a leilão
Conserves inda puro
Teu joven coração !...

O REDEMUNHO

« Fecha as portas, meu menino,
Que o redemunho cá vem !
Tira os pannos do terreiro,
Anda de pressa, meu bem,
Que o demonio é traiçoeiro !

« Oh ! Sancto Breve da Marca !
Nunca vi na minha vida
Um demo tão corredor !
Passarinhos sem guarida
Voaram só de terror !

(*) Corrupção de redomoinho.

É o forte redemunho
Que traz comsigo o demonio....
Valha-me Nossa Senhora!...
Te arrenego ! Sancto Antonio
Acudi-me nesta hora!

« Corre, corre, meu filhinho,
Filho do meu coração....
Lá roubou com mão de gato
Meu rendado cabecão....
Figa ! cruzes ! « Pé de pato » !



O vento mais rijo zune,
Varre as folhas do arvoredo ;
O filho escondido chora,
A mãe palpita de medo,
Rezando sem mais demora.

É fama que o demo anda
Pelo mundo bem sosinho
N'um turbilhão de poeira,
Que fórmia o redomoinho
Passando pela Ribeira.

Recordo que sempre via
Fechar as portas e frentes,
Quando vinha pelo matto
Um desses tufões valentes
A que chamam—Pé de pato !

Ou então saltavam logo
A fazer « cruzes ! » ao vento
E era tal a gritaria
E os mil « figa ! » do momento,
Que o diabo destrocia !

O DESPERTAR DO COMBOEIRO

« Alerta ! minha gente ! A madrugada
Não tarda a clarear ;
Escutaram dos gallos a toada ?
Primeiro que arrumemos o comboio
E ponhamos as cargas todas fóra
Tem muito que esperar
Para irmos com Deus adiante embora.

« Agora, pelo matto ergueu-se a êma ;
O lepido tapir
Percorre os taboleiros de jurema,
O pato nada altivo e pressuroso
Como um barco vogando na lagôa,
E a natureza a rir
Saúda a luz d'aurora doce e bôa ! »

Arranchado nas margens de um arreio,
Depois de sonno leve,
Assim fallára o dono do comboio,
Longe as barras estando de quebrar.
Acorda pressurosa a companhia,
Arranja tudo em breve
E lá se vão com Deus, raiando o dia !

FORTUNATO

LENDAS

Ha tempos na Serra-Branca *
Pelas noites de S. João
Via-se um grande clarão
Que ardia....

Passava o anno. No dia
Á mesma hora aprasada
Estava a tocha encantada
Lá de novo !

O povo, que é sempre o povo,
Fazia disso um mysterio
E julgava em seu criterio
Deste facto.

* Na margem direita do rio Açu.

Espalhára-se o boato
Que o diabo alli andava
E todo o anno voltava
Pela festa

De S. João, tendo na testa
Um olho grande de fogo
E, cantando o gallo, logo
Se sumia!

Mas ninguem lá se atrevia
A saber ao certo o facto,
Até que a isso abalou-se
O famoso Fortunato.



Tão destemido era este
Que as onças vendeo-o corriam
E as feras mais corpulentas
Os seus passos conheciam.

Dos encontros nas caçadas,
Das luctas de braço a braço,
Provinha o medo que tinham
Essas ouvindo-lhe o passo.

* *

Haverá quem adevinhe
O que fez este Sansão
Na noite de S. João
Em que o povo

Contára tudo de novo
Do que ha muito se dizia,
Quanto ao fogo que se via
No logar ?

Pôz-se o home' a meditar
No caso maravilhoso
E decidiu-se teimoso
A saber.

Sahio sem nada dizer
De lá da beira do Rio *
Com ares de desafio
Insolente.

No sertão ha muita gente
Que ainda crê em feitico,
E persuadindo-se disso
Receiára....

* Rio Açu.

Da direcção que tomára
O valente Fortunato,
Que depois de ouvir o caso
Seguiria cortando o matto.

* *

Sorria a natureza
Na vesp'ra de S. João.

Que folia,
Que alegria,
Não é esta
Quanta festa
De inundar o coração !
Viva! viva o S. João !

Em toda parte se acende
A fogueira de S. João.

Que fogueira
Feiticeira !
Não é esta !
Quanta festa
Abalrota o coração !
Viva, viva o S. João !

* *

Fortunato a essas horas
Trepava pelo lagedo....
Sem menor sombra de medo
No seu rosto.

Quando chegou ao tal posto
Vio partir sem trepidar
Um vulto preto ao logar
Onde estava.

Era um bode que soprava,
Lançando fumo das ventas
Em espiraes vermelhentas
Côr de fogo.

Travou-se o combate logo
Entre os dous brutos ferozes
E ouviam-se mais os berros
Do que soarem as vozes.



Em quanto assim pelejava
O bode com Fortunato,
Nas cabanas se queimava
O ramo verde do matto.
Nas fogueiras de S. João.
E as velhas mexeriqueiras
Contavam muita mentira
De moças namoradeiras,
Que nesta noite se vira
Cahir mortas sobre o chão.

E fallavam mal da Europa,
A terra da bruxaria,
Onde mulheres com opa
Completavam romaria
Pelas noites de S. João.
E os mouros áquem d'Hespanha
E de além Mediterrano
Em Portugal todo anno
Faziam das suas manhas
Por não ser povo christão.



Oh! que velhas
Mentirosas !
Quantas rosas
De vermelhas
E amarellas
Se fizeram
Desprezadas,
Si queimadas
Não disseram
Cousas bellas !



Lá onde os caminhos cruzam
Veem-se homens montados,
Outros a pé esperando
Por certos momentos dados

Para tomarem mandinga
Do maioral dos infernos,
Recebendo este sua alma
Por prazeres sempiternos.

Um quer ser vaqueiro esperto,
Outro rico como terra ;
Este aqui já se contenta
Com caçar mel pela serra
E aquelles mais namorados
Só pedem moças bonitas
E este e mais aquell'outro
Querem gozar de mil ditas.

* * *

Era já por meia noite,
Ia o fogo se apagando ;
Ora do vento ao açoite
Novamente se animando.
Os moços eram de vinda
Da medonha encruzilhada
E na Serra Branca ainda
Era a lucta encarniçada.

* * *

As armas que blandiavam
As mãos daquelle guerreiro
Só davam talho certeiro
Mas em vão !

Té que enfim o seu facão
Acertou tocar no bicho
E decepar-lhe o rabicho
Juncto ao couro.

Deu o bode um grande estouro,
Ficou zonzo Fortunato
E sentio cheiro de enxofre
Em roda por todo matto.



O logar onde se achava
O nosso heroe nesse instante
Era mais alto que as nuvens,
Mais liso que o diamante,
Pois era no cocuruto
Daquella serra gigante.

Feita de pedra sómente
A Serra Branca altaneira
Escorrega mais que o lôdo
Das aguas na cachoeira....
Como pôde Fortunato
Subil-a sem ter ladeira?

Eis aqui como se conta
O caso passado então:
Seguiria o cairel do abysmo
Sem nunca mirar o chão....
Mais veloz que a lagartixa
Conseguiria esta assenção.



A noite tornou-se escura,
Tão feia que dir-se-ia
Não poder surgir um dia
De tanta trevoa e negrura.

Embaixo, o vento soprava
Nas franças do juremal
E nem a aurora sonhava
De despontar pelo val.

Escutando ainda o brado
Que o demo lançará á terra
Sentio-se abalar a serra
Ao rugir do som irado.

Em menos d'um quarto d' hora
Fez Fortunato oração
E firme em Nossa Senhora
Escorregou para o chão.

Quando em baixo se apanhára
Não tinha carne nas coxas ;
Suas mãos comidas, roxas,
Do sangue que espadanára !

A BURRINHA E O LOBISHOMEM

A meia noite não tarda :
Os cachorros já latiram....
Quem tem filhos ponha em guarda,
Que as passadas já se ouviram
Da burrinha excommungada,
Mulher de padre, encantada !

Sabem todos que o vigario
É causa de tal perigo,
Tem em vez do breviario
Raparigas lá comsigo,
Que ás noites de sexta-feira
Viram burra chocalheira.

De manhan antes da missa
Dá-lhe o padre a excommunhão ;
Mas depois vem-lhe a preguiça
Esquece o facto em questão :
É então que a mulherzinha
Passa de gente a burrinha.

O mesmo succede ao home',
Que come escama ou carvão,
Se vira n'um lobishome'
E corre todo o sertão.
Sangra os meninos na rête
Por fartar no sangue a sêde.

Por noites silenciosas
Nas varzeas de minha terra,
Ouvem-se as vozes medrosas
Dos cães armados em guerra
Contra o fero lobishome',
Que tudo que sangra, come.

As mães pallidas de susto
Vão donde dorme o esposo
Ao berço do filho a custo,
E, tendo ao seio amoroso
A creança adormecida,
Se alegram de a vêr com vida !

DIALOGO

Os casos de minha terra
É ver um, ver tudo mais....
A menina sertaneja
Ama sómente um rapaz.

E para prova do facto
Eu contarei mesmo já
Um dialogo ocorrido
Entre dous filhos de lá.

— Que me trouxeste da festa
Dos teus vizinhos de além?
Maria, que me trouxeste
Do casamento, meu bem?

« Da festa um riso nos labios,
Do casamento umas flôres ;
São estas de laranjeira
Inda em botão, meus amores. »

— Eu aceito o teu sorriso
Mais as flôres em botão ;
Maria, os noivos choraram ?
Como passou-se a funcçao ?

« És por demais curioso !
Porque não casas, José ?
As flôres que a noiva deu-me
Fazem casar.... não tens fé ? »

— Maria, si os teus parentes,
Não fossem tão presumpcosos,
Ha muito que todos elles
Nos teriam como esposos !

« Eu já sei.... deixemos isso,
Vou contar-te esta aventura :
A noiva estava corada....
Como pitanga madura ! »

— Era de pejo, Maria !
E o noivo que fez então ?
Sorria ou era contricto ?
Que fazia o paspalhão ?

« O noivo ? si tu soubesses !
Não corou nem bocadinho,
Olhava em roda da noiva
Todo ciumes, bemzinho ! »

— Só de ti, minha cabocla,
É que eu não tenho ciume,
Inda que brinques com outrem
Ou te adivinhe um queixume....

« D'outro tanto não me accuso
Quando te vejo com Rosa
E quizera ser a morte
Para vingar-me raivosa ! »

— Pobre Maria ! a Rosinha
Sempre me fala de ti ;
Quando se encontra connosco
Diz-me depois : bem te vi !

« Bem-te-vi parece ella !
Longe vá seu triste agouro !
Temo nas folhas da rosa
Não se occulte algum bisouro.... »

— Estranhas acaso o modo
Della falar-me de ti,
Só porque um passarinho
Ha que chamam « bem-te-vi ! »—

« E ainda tu achas pouco !
Vi-o cantar uma vez
E ainda guardo comigo
O susto que então me fez !

— Ah ! já sei ! lavavas roupa
Ou banhavas-te na fonte...
Julgando estar sózinha
Quando elle cantou defronte ? !

« Não foi isso, mentiroso !
Acabára aqui de estar....
E quando me retirava,
Se pôz o biltre a cantar ! »

— Pois julgas então, Maria,
Que os passarinhos entendem
As fallas de dous amantes,
Os preitos que elles se rendem ? —

« Não quero saber lá disso,
Deixe a rosa em seu logar....
E a mamãe a estas horas
Já cançou de me chamar ! »

— Então vae, minha Maria,
Quando seremos felizes ?
Si eu souber que me desprezas,
Vou morrer n'outros paizes ! —

« Não sabes ? no casamento
De que 'stavamos fallando
Eu jurei... » — O que Maria ? —
« Ih ! Jesus ! lá 'stão gritando ! »

E separaram-se alegres
Aquellos doux sertanejos
Cada qual por sua parte
Aceso em castos desejos !

Assim passavam-se as tardes
Em doces falas de amor,
Vinha aurora, se escreviam,
Era a cartinha uma flôr.

Té que um dia se casaram
Por geral assentimento
Dos parentes de Maria
Que deram-n'a em casamento.



O SINO DE ESTREMOZ

LENTA

A MEU IRMÃO ELIAS SOUTO

Naquellle tempo, sim ; era saudoso
Vêr a tarde morrer nos horisontes,
Contemplar o fulgor de mil estrellas
Que ao cobrir-se de sombras os altos montes
Se accendiam no céu vivas e bellas!

Naquelle tempo, sim ! vinham as aves
Trinar suas canções melodiosas
Nos ramos do arvoredo verdejante,
E as boninas do campo melindrosas
Exhalavam o perfume mais fragante.

Naquelle tempo, sim ; a merencoria
Deusa da caça, despresando galas,
Brilhava meiga por um céu de agosto,
Namorando o pastor de doces falas,
Que os olhos embebia no seu rosto.

Naquelle tempo, sim! se acreditava
Nos milagres dos sanctos padroeiros
E as lendas se escreviam na memoria;
Abundavam os casos verdadeiros,
E do Deus dos christãos crescia a gloria.



Era no tempo dos heróes de Lysia.
Juncto á cidade do Natal demóra
A velha aldeia onde se déra o facto,
Que á noite ouvira referir outr'ora.

Ha juncto a esta uma lagôa immensa,
Que em meia lua quasi a cerca inteira.
E tão profunda que parece a todós
O oceano contemplado á beira!

Della se conta que a mae d'agua, ás vezes,
Vagava a êsmo á superfice azul,
N'um côche d'ouro que giboias duas
Tiravam juntas ao soprar do sul.

E eis a razão accrescentava o povo
Porque a lagôa não seccou jamais,
Pois lá no fundo, da mae d'agua, existe
Um bello paço de rubim, chrytaes.

Viam-se os filhos naturaes da terra
Ao se banharem na lagôa immensa
Serem levados pelo som dos cantos
A esses reinos de magia e crença.

Eram já tantos os clamores vivos,
Tantos os casos de sumisso havia,
Que acontecendo ao sacerdote um desses
Ás duas cobras 'scomunhou n'um dia.



Podiam ser seis horas !
No páramo deserto
O sol além morria
Ao lubrico concerto
Da voz da ventania.

Podiam ser seis horas :
Os bois tardos e lentos
Os passos arrastavam . . .
Sombrios, agoirentos,
Os oitibós cantavañ !

Podiam ser seis horas
De um « dia de fazer » ;
Em meio ao taboleiro
Extenso a não poder
Dormindo ia o carreiro . . .

Podiam ser seis horas:
O carro reclinava
Ao passo cadenciado
Da junta que puchava
Um sino nelle atado.

Podiam ser seis horas:
Da estrada a maior volta
Ao longe se perdia....
Além, das casas, solta,
A fumaça ao ar subia.



Alli, a villa de Estremoz ficava
Bem perto do logar;
E apenas do carreiro a separava
A lagôa sem par.

E para lá chegar era preciso
A rodear um pouco;
O povo, muito ha que está do aviso,
Alegre, quasi louco!



Ai! como fosse noite e o misero carreiro
Dormir continuasse,
Os bois secos de sede ao fim do taboleiro
E antes que acordasse

Aquelle que os guiava e vendo juncto aguas
Sahiram do caminho
E foram mitigar na marge' as maguas
No ponto mais visinho!

* * *

Já todos se preparavam
Para a chegada do sino;
As fogueiras aticavam
Com fervor e devoção,
Quando fartos de esperar
Nem carro, nem sino vindo
Correram para o logar
A tomar indagaçao.

Sómente indicio restava
De ter sido mergulhado,
Quando á lagôa chegava
O carreiro adormecido;
Viu-se o rasto se perder
Pelo fundo d'agua a dentro
E não mais reaparecer
Crendo-se tudo immergido.

Pensou o povo com tino
Que as duas serpes pagans

Haviam roubado o sino
Para o fundo da lagôa,
Onde elle toca á surdina,
Comido os bois e o carreiro
E que a mae-d'agua ladina
Attrahira-os c'uma lôa.



Em vista desse escandalo
O padre escommungou-as,
E quando ao outro dia
Voltára ao sacrificio....
Achou humilde, trémula,
A uma das giboias
Que veio arrependida
Pedir perdão da vida.

E elle dando crédito
Á supplica da cobra
De novo abençoou-a
Mandando-a ir embora,
E hoje o povo crêdulo
Querendo dar idéa
De um monstro igual formado
Reconta admirado :

Puzera a cauda húmida
Na porta principal;
Arrodeando a egreja
Viéra com a cabeça
Deital-a sobre a última
Parte de seu dorso;
Era como um laço
Aquelle horrendo abraço.

A outra meio dúvida
Em alcançar perdão
Buscára o taboleiro
Distante do povoado
E lá morreu de colera!
É fama que no bosque
Aonde ella morrêra
Nem mais relva nascêra!



É noite de festa e a missa do gallo
Não tarda a se ouvir.
A gente das casas espera a chamada
Do sino que as cobras puderam sumir,
Mas nunca tragal-o.

E o sino escondido no fundo das aguas

Repica saudosos

Á noite de festa na missa do gallo,

Chamando as pessoas em sobre fanhoso,

Echoando nas fraguas.

São muitos aquelles que assás destemidos

Buscando encontral-o

Deitaram-se ao fundo da immensa lagôa

Na hora em que toca p'ra missa do gallo

Mas lá são retidos.

E o anno que volve o sino é parado,

Ninguem o escuta;

Sómente na noite de festa repica,

Reboando nas selva de gruta por gruta

Em som compassado.



Alguns ha que pensam que a linda mae d'agua

Mudára de sitios, vagando nos rios

Em cata de novos e infantes amores,

Na hora em que os mochos desprendem seus pios.

O mar se povoa de brancas ondinas

E os homens repousam da mais crua magua !

Na hora em que o campo se afoga em negrores

E os serros se embuçam n'um véu de neblinas.



Dantes, á noite, na taba espaçosa
Dormiam os indios senhores da terra ;
Vieram os brancos sedentos de sangue
E a palma o terreno tomaram por guerra.

De juncto expulsáram seus filhos mais bravos,
Tornáram captiva uma tribo bisonha ;
E em vez de agradal-os, castigos lhes deram,
Tornára-n'a escrava, vergonha, ó vergonha !

Assim é que a raça de um povo valente
De todo extinguiu-se nos nossos sertões
E hoje só restam milagres qual este,
Mentiras infames, crueis irrisões.

Só restam captivos, escarneo dos livres,
Só restam miserias no nosso Brasil.
E o vasto terreno que o Luzo aviltará
É patria de um povo monarchico, vil !



O LAGARTO E O MOSQUITO

À MEMORIA DE LUIZA MARIA DA CONCEIÇÃO

Bom dia ! amigo lagarto,
Comprimentára o mosquito:
Repare, não ouve as notas
Do tâneu cantar tão bonito ?
Não vê tambem minhas pernas
Mais grossas que tod'as mais ?
Você sorri-se, lagarto !
Onde vio outras eguaes ?...

— O bom senso me aconselha
Que a não querer discussões
É melhor ficar sem ouças
Do que ouvir taes pretenções....
E desde então até hoje
Que ficou surdo o lagarto
Entupindo os sens ouvidos
De tantas mentiras farto.



A BOTIJA

Cousa sonhada tres noites
Em sonnos consecutivos
Não tem que ver, é verdade,
Sejam lá quaes os motivos.

Si é botija o que se sonha
Enterrada com dinheiro,
Podem cavar sem ter susto,
Pois é mais que verdadeiro.

Vem a alma do Sovina
Nos pedir missa e rosario
E traz-nos em paga o ouro,
Que ganhou como usurario.

Mas, si acordado se conta
O que vem de se sonhar,
É debalde que se busca
Recordar-se do logar !

Si espera com paciencia,
Passados dous sonhos mais,
A alma mostra o dinheiro,
Dando todos os signaes.

No momento de cavar-se
O diabo tudo encapa,
Por que a alma suffragada
Por tal meio se lhe escapa.

E são tantos assobios
Que nesse instante faz dar,
Que é mister muita coragem
Para a botija cavar.

Vencendo todo impossivel
Consegue tirar-se fóra
A alma nos « fecha o corpo, »
Agradece e vae-se embora.

Mas, si avistando o dinheiro,
Esquece a gente a promessa
E só tracta de gosal-o,
Se vira em carvão de pressa.

Ri-se o demo ás escondidas
Desta nova tentação,
E a pobre d'alma penada
Não alcança a salvação.

Si nada disso acontece,
Vive feliz quem sonhou
E só morre si o buraco
Da botija se fechou.

Pois é crença que entopido
Todo fosso que se fez
Morre aquelle que cavára
Sem não ser a sua vez!

A POMBA DESGARRADA

POEMA DA JUVENTUDE

Ás vezes entre as pedras de um serrote,
Apertada, esgueirando-se dos lados,
Se embala meiga flôr em fraco arbusto.

No céu do inverno a nuvensinha passa,
A aura foge do seu berço á noite
E a pobre rosa, sem frescor dos ares,
Sem doce orvalho dos nocturnos éstos,
Vive, sem força, acrisolada á haste !

O tempo é sempre máu; lá vem um dia
Em que beijando os alcantis dos serros
Ruge a tormenta e desgrenhada corre,
Afoga em agua a desgraçada planta,
Que antes de sêde definhava á mingua !

Vida calma, tranquilla e socegada
Aquella que se vive além dos muros
Das cidades e grandes povoados
(onde o clima é fatal e a epidemia
Nunca emigra de lá), vida sem dôres
De continuo prazer só comparável
Áquella se gosa além da campa
No seio do infinito, si é verdade
Que nossa alma, existindo, a carne deixa
Depois da morte remontando vaga
Entre as delicias eternas dos anjos!

Quando a brisa o frescor sorvendo ás flôres
Corre ligeira nos vergeis do norte
E é frio o sol nascente, as mattas virgens
Acordam sensacões tão doces n'alma
Que nos faz recordar ethereos sonhos,
As grandes diversões que diz-se os seres
Fazem occultas sob varias fórmas
Antes de todo humanisar se virem!
Esses rumores, divinaes, confusos,
São outras tantas creaturas meigas
Que informes voam no correr dos ventos.

Por entre os ramos da sombria balsa
Toda essa orchestra retumbante havia
Da moça triste ás illusões entregue
Doce accordado uns sentimentos vagos,

Desejos castos de vêr longes terras,
Onde o sol do prazer brilha nas frontes
Que a formosura revestiu de encantos!



Uma tarde em que estava assim scismando
Assentada á soleira da Fazenda,
Um mancebo avistou perto de casa
(onde arrancho pediu) e pensativa
Mais se tornára a descobril-o a moça:
Vieram-lhe por certo á mente os sonhos
De climas visitar e estranhas terras.

Olharam-se por vezes distraídos
O moço viajor e a moça insonte...

Anoitecêra além. Na vastitude
Via-se a facha luminosa e bella
Por sobre a copa do esplendente bosque
Cortar o céu a meio. Antigamente
Fôra dos Gregos conhecida em parte
Pelo tão proprio de—Galaxa—nome!
Rio de leite! de douradas vagas,
Caudal de estrellas, maravilha eterna,
Das altas regiões! ó madre uberrima
Das vastas nebulosas! no teu seio
Minh'alma vaga attonita e indecisa,
Interrogando o vácuo inexprimivel,

E mais mesquinha se me afflige ainda
A condição de « ser-intelligente »,
De « saber que não sabe » e desespera,
Pois nada entende do que vê de grande!

Á luz da lua que minguante surge
Pallidas morrem no horizonte estrellas ;
Mas inda aquellas de mais vulto brilham
Illuminando e ao clarão mortiço
Desses archotes no infinito accesos
Elles se viram com prazer em horas,
Que tudo em roda se entregára ao somno.

Duas vezes o sol cruzára o tecto
Da triste habitação : d'escuras moitas
A cantiga do mocho anunciára
Negros presagios em piados longos !
Era a hora dos timidos colloquios
Daquelles doux amantes, mais um dia
E outro sol que surgisse do levante
Não viria-os mais lá contar segredos !



Ha tantas rosas nos jardins da vida,
Tantas flôres no prado verdejante,
Tantas idéas n'um só ser pensante,
Que um nome estranho não nos faz scismar ;

Seja de planta nas soildões perdida,
Seja de idéa ou pensamento exprima
O nome dellainda não dicto ácima
Era Innocencia, de fazer-se amar.

Filha dos ermos, o crescente brilha
Sobre as encostas de empinada serra
E resoluta a desposar á terra
Dá-lhe um aspecto de ideal rainha !
Ah ! tu descansas, qual da mancenilha
Á fresca sombra de pensares cheia
A india moça que, rompida a teia
De seus mysterios, no soffrer definha.

Nos braços delle ao marulhar dos rios
Fias-te apenas na palavra sua !
Ah ! que não vejas esconder-se a lua
Entre as das nuvens tenebrosas côres !
A varzea é longa, os matagaes sombrios
Doces soluçam no gemer do vento
E tu não scismas sobre o triste evento
E a negra sina de teus máus amores !

Oh ! pallida mulher, porque te inflamas
Ás vozes desse amor que sahe do peito ?
A febre do prazer te abrasa o leito ?
O fogo do gosar crepita em torno ?...

Essas fallas de amor, esse a quem amas,
Acaso não te lembra um falso amante?
Não faltam seduções! Ai! delirante,
Não dês-lhe sem pudor o seio morno!

Foge aos rogos de amor, nesse retiro
Ao cantico selvagem dos chechéus
Ergue os olhos piedosos para os céus
E pede-lhes perdão desta demencia!
Nesses bosques sem fim ao teu suspiro
O verbo do senhor não será mudo
Baixando sobre ti. Oh! mais que tudo
Vela os sonhos de amor, doce Innocencia!



Subira em meio ao céu o sol ardente,
Era a hora em que abrasa o chão inculto
Mais intenso calor, em que nas sombras,
Repousa o viajor, das caraybas
Que bordam riachões, unicas, onde
O frescor que provém das folhas verdes,
Da brisa que é constante nesses êrmos
Os corpos refrigera. Ahi a rête
Distenderam nas azas do carinho.

Qual da sesta se olvida o catapirro
Ao lado da consorte inseparavel,
Beijam-se junctos, roçagando as azas,
Parlando de um porvir que não se entende;
Assim, da solidão gemem no seio
Aquellos corações apaixonados!
Um, victima, talvez, de seus deliquios ;
O outro meditando um crime horrendo
De fingida affeição : fruindo ambos
Em suspiros de amor, a morte em gosos !

Cria-se ás rúas das cidades grandes
De pequenos sultões turba indolente,
Das desgraças nos publicos banquetes
Companheiros em tudo inseparaveis :
No espetáculo continuo das orgias
A vida vão prurindo, até que, gastos,
Embrenham-se depois pelos desertos,
Mensageiros reaes da desventura
De Fazenda em Fazenda mascateando.



Era Malino, filho da cidade,
Procedente de nobres fidalgotes,
Gastára o dote seu, d'irmans os dotes
E como libertino era apontado.

Porque aos mattos de além fôra levado ?
As victimas que fez em seus delirios
Morreram-lhe nas mãos ; dos alvos lyrios
Muitas outras viveram sem grinalda....

Filha da solidão, rica esmeralda,
Não foste, não, a unica vencida ;
Outras a sorte de mulher perdida
Arrastam nas cidades populosas !

Agente das orgias crapulosas,
Fornece os companheiros da desgraça
Os restos dos despojos donde passa,
A infamia de sua alma que não presta....

A sabia meretriz, abelha-mestra,
Perfuma-lhes os corpos delicados
De essencias virginæs.... sonhos amados
Visitam-lhes o leito de setim.

Acordam na manhan... o serafim
Recobra da innocencia as azas leves
E as pulsacões do seio são mais breves
E os desejos mais vagos e apressados!...

Si agora amor vos tem tão colligados,
Heis de vêr-vos depois de todo ausentes ;
Ambos seguem destinos differentes
Tu perdida, elle fervido amador !

Volve pois a teu lar, modesta flôr,
Inda é tempo de amar a natureza;
Foste trahida, embora! mais pureza
Existe no sertão que na cidade.

O' pallida Innocencia, que saudade
Não sentirás á noite de teus êrmos!
Ah! volve á solidão triste, sem termos,
Ás brisas do verão e á liberdade!



Depois que se passaram muitos annos,
Volvera ás regiões onde nascera,
Julgando refruir gratas doçuras
No seio dos parentes ultrajados,
Que ao vê-a se esconderam de vergonha.
Sabia-se que fôra prostituta,
Mulher perdida emfim! Fosse destino
Ou fosse propensão, temiam todos
O contacto daquella que se vende
A outrem sem pudor e os brancos seios
Expõe da loja nos balcões do alcouce!

Nescios, tendes razão! O universo
É feito desse modo! A messalina
Que atira-se ao prazer indiferente
É digna de louvor, si no caminho
Da vida que levou, teve impossíveis

Ante os quaes se curvou e preferindo
Vender-se a mendigar, ella immolou-se !
Pois que vós o sabeis castas esposas
Que o ser fraco em luctar a tanto obriga.

Perdôo-te, mulher, o sacrificio
Do corpo que apodrece amortalhado
E louvo-te a grandeza de tua alma
Que ácima do que é mau vê nas alturas
O justo a te mirar e não te odeio !

Errou de porta em porta, mendigando
Pelas ruas desertas do povoado
E ninguem n'a quiz vêr juncto a seus lares.
Miseria ! ingratidão ! Fôra-se a triste
Andando, andando ao longo dos caminhos,
Até que foi parar onde pregava
Acaso um Missionario outras doutrinas.
Confessa-se e depois por toda a parte
Espalhou-se na terra o caso novo
Da nova Magdalena arrependida !
Todos iam beijar-lhe os seus cabellos,
Tocavam sua mão porque era sancta
E se tinham na conta de felizes
Por ouvil-a falar de seus martyrios.

Chorei ! a dôr fatiga,
Enerva o sentimento...
Oh ! nunca o pensamento
Se eleve além da vida!

Morrer ! si quer a vida
Não vale o sacrificio...
Manchar do torpe vicio
A alma nos prazeres.

Que são estas mulheres
Douradas, perfumosas,
As faces côn de rosas,
Os labios encarnados?

São ídolos pintados,
São obra dos artistas,
Feituras de modistas,
Modelos, perfeições.

As auras dos sertões
Da vida de innocencia,
Nos restitue a essencia,
Amor nos corações.



Findára-se a missão : tranquillo o povo
Seguia seu caminho do trabalho
Resmoendo os rozarios, as corôas
Impostos pelo Padre ; e a Messalina
Assim chamada em dia de despreso
Passava por ser sancta. Quando a tarde
Cahia sobre os combros de esmeraldas
E á relva da campina se casava
O azul do céu formoso e pelos ares
Mudava á côn das nuvens, o poente,
Principios do arrebol que se avizinha,
Mergulhando o final do dia esplendido
N'um mar de rosicler ; ella, os seus olhos,
Alongava-os, porém, na dôr immersos,
Além a se perder por traz dos montes,
Buscando um ponto negro no nascente
Aonde o seu amor, unico e puro,
O primeiro sentir do virgem peito
Jasia endoudecido do cognac,
Do vinho e do charuto magnifico
Á porta dos cafés ; e quasi morta
Ficava horas e horas esquecida,
Prostrada pela angustia dos remorsos,
Meditando nas poucas esperanças
De ser inda feliz nos braços delle.

Curvaste a fronte meiga e pensativa
Ante um ser repellente e despresivel ;
Por elle o coraçãoinda te bate
Qual nos dias primeiros, possa eu vêr-te
Inteiramente isempta do peccado !

Adeus, meu patrio lar, adeus, meu minho,
Meu sonho de infantil e casto amor !
Teu nome passará, doce murmurio,
Ás novas geracões que despontarem !
A varzea recorrida por teus rios,
Coberta de palmaes altos, indomitos,
O aprasivel do céu, o alegre clima,
Ha de a historia narrar em seus prodigios
E aos filhos dessa terra, agradecidos,
Um bafejo inspirar de poesia !

Possa eu antes de vêr a luz da vida
De todo se extinguir mirar as casas,
Os grandes capinzaes, os taboleiros,
Aquella espessa nuvem vespertina
Que ao soprar do Nordestea varzea cobre
E o céu do meu Açú. Os comboeiros,
Erradios das trilhas dos caminhos,
Divagam, sem saber em vão, perdidos :

Os arabes parecem nos desertos
Cortando os areiaes incalculaveis
Da Africa-central e asphixiados
Pelos éstos dos torridos kansins !

Saudosa viração, vem, pois comigo !
Fazem-te ainda nos esconjuros torpes
Quando deveram respirar-te o aroma.
Mimosa Aracaty, brisa dos mares,
Nessas horas da tarde somnolentas,
Onde a gaita sentida do guieiro
Corta os ares n'um morbido suspiro
Unido aos ternos ais de um peito amante
Que geme em solidão qual Innocencia...

Sem este recordar que fôra a vida ?...

Adeus, meu patrio lar, adeus, singela,
Flôr de meus sonhos infantis de outr'ora !
Hei de voltar a ti, cantar um dia
Á sombra dos varjaes de carnaúbas
Em versos desegnaes, porém sentidos,
Filhos das crenças de teus proprios filhos
O ermo e a solidão que tanto adoro !

Por mais que me despeça de ti longe
Eu nunca me darei por compensado
De repetir-te adeus por todo o sempre !

NOVA PHASE



NOVA PHASE

AO CLUB POPULAR *

I

Brasil

Oh ! deixem-no dormir ! talvez nest' hora
Nos annos do porvir sonhe liberdade,
Talvez que no sonhar veja a trindade,
Que a França attenta vio raiar outr' ora....

Silencio ! Que fragôr ruje lá fóra
Dos lados do equador ? Que claridade
Brilha intensa do sul na escuridade
Em que jaz a dormir o infante agora ?

* Os versos que seguem foram lidos em sessões desse extinto club.

Que aguia ou que condor surge dos Andes,
Altivo Prometheu, com as azas grandes
Demandando as procellas do infinito ?

São povos teus irmãos livres e fortes,
Que assistem teu dormir querendo as sortes
Unir aos fados teus, Brasil proscripto !



II

Ignominia

A HYPOLITO CAMPELLO

Em quanto a morte pallida e sombria
Atterra os corações,
E varre a peste a populaça indomita,
Que vive obrigatoria da enxovia
Nos fetidos porões;

Em quanto no covil mais degradante
A enxerga do mendigo
Exhala o cheiro mau das prisões publicas
E o pobre pede pão ao passeante
Na rua ao desabrigo;

Em quanto a ignorancia em meio ao povo
Tem sequito real,
E o padre se insinúa nas familias
A falar-lhes do horror de um mundo novo,
Do castigo infernal;

Em quanto a molecage em brincadeiras
Se coze ás navalhadas
Á falta de instrucción e de policia,
O rei percorre as côrtes estrangeiras
Do sabio admiradas;

E o misero Brasil, o pobre escravo,
Coberto de baldões,
Applauda a subtileza da politica
Que o roja ao lamaçal mais ignavo
A que chegam nações!

Terra do berço meu, a Liberdade,
Mui custa a recobrar;
Porém é mais cruel gemer ao latego.
Do que vir sobre o chão da nova edade
As veias desatar!...

Quando passar á noite dos planetas
No alcantil dos serros
A sombra dos heroes da inconfidencia,
Não serás surdo a voz dessas trombetas....
Resgatarás teus erros!

III

O genio e a mocidade

A R. TEIXEIRA MENDES

Soberano poder da intelligencia,
Em ti reside a força da grandeza,
Em ti minh'alma adora os reverberos
Da deusa liberdade!

Quando a terra era um fóco luminoso
Errante sobre a plaga do infinito....
Ou perdida scentelha no universo
E a vida era um problema;

Quando apôs os phenomenos primeiros
Da physica e da chimica explosaram,
Talvez ao mesmo tempo n'uma cellula
Gerou-se o pensamento !

Percorrendo os degráus da varia escala
No cerebro cresceu dos vertebrados....
Attingiu o esplendor! ultimo termo
Da série fôra o homem!

Ahi tiveste a seiva fecundante
Do genio universal! ahi brilhaste,
Fulgurante poder da intelligencia,
Mais que a terra a principio!

Mocidade! no amor consiste a gloria!
Amae á liberdade, á esposa, á patria,
Luctae pelo saber, pelo progresso
Da sancta humanidade!



IV

Apprehensões

A S. A. I. REGENTE *

No dia em que a canalha erguer-se do marasmo,
Trepar as barricadas mirando augustos finis,
Talvez que nessas horas de sancto entusiasmo
Não possas mais furtar-te á furia dos mastins !

Aquelles que ora pensam na sorte dos patricios
E vêm na revolta da infrene populaça
Um crime perpetrado do povo nos comícios
Serão nas barricadas com ella sobre a praça.

Talvez no céu azul da patria de Colombo,
Da terra que Cabral primeiro descobriu,
Se escute o mesmo som, mesmissimo ribombo
Da voz da Liberdade que inteira resurgiu.

* Inspiração de uma poesia do Sr. J. do Patrocínio.

E tu, regia mulher, com filhos desgrenhada,
E hirta de terror, medros a do perigo
Verás as explosões da plebe afidalgada,
E a morte ante teus olhos na furia do inimigo.

Não penses que os fidalgos, que os satrapas dacôrte
Te possam defender dos botes da canalha!...
A forca pede sangue e a raiva quer a morte
E embalde invocarás o auxilio da metralha!

Renega, ó pobre moça, renega a triste gloria,
Um cargo que é do povo, que nunca foi dos reis!
Resigna a missão heroica, mas ingloria,
E os homens far-te-ão justiça pelas leis.

É quando no futuro da patria brasileira
O sol resplenderá sem manchas pelo céu!
E a Liberdade, a gloria, trarão por mensageira
A paz universal ao povo Prometheu!

V

A morte do suicida

À MEMORIA DE JOAQUIM DE SOUZA

Alma de sonhador, alma utopista,
Poeta, que soffrer minou-te a vida ?
Que pesar empanou teu céu de amores ?
A morte que detesta o epicurista
Tem seduções tambem'; a enticida
Não é tão feia assim nos seus horrores!...

Alma de sonhador, na tua infancia,
Naquellas varzeas de virentes palmas,
Onde o sol d'amanhan desperta amores,
Não te falaram da eternal fragrancia
Que respiram no céu as doces almas,
Os cherubins de Deus por entre flôres ?

Não te falaram do juizo sancto
No val de Josaphat quando estrondosa
A trombeta soar ?... Nos teus amores
Não creste sempre em Deus ? E no entanto
Tiveste em pouco a alma preciosa
E morreste sem crêr nestes terrores !



Perder as illusões quando no peito
Sente-se arder em fé a pyra sancta
Dos sonhos do porvir,
É morrer, eu bem sei, é ter o leito
Na existencia que boia ; a morte espanta ?
Peior é existir !

Oh ! creiam lá em Deus ! a eternidade
Teve origem na nossa natureza
E existe só pr'a nós.
Maldicta cem mil vezes a vaidade,
O egoismo fatal, tanta avareza,
De nós proprios algoz !

Si a vida fosse além da sepultura,
E si a alma rompesse a athmosphera
 Onde iria parar ?
O vacuo, a gravidade, a immeusa altura
A que ficã dos céus a nossa esphera....
 A impedem de voar !

O' sabio Galileu, ancião covarde,
Tu foste um grande atheu, novo Messias
 Da luz e da rasão !
Dês que a terra gira é tarde, é tarde !...
Acabaram-se as doces utopias
 De uma eterna missão !



Podes dormir em paz : além no seio
Da materia tua alma de poëta
Modula a inspiraçao de teus amores....
A planta que brotar da cova em meio,
A vaga em seu rugir seja discreta,
Não murmurem jamais teus estertores !

Filho daquellas plagas verdejantes,
Falaram-te no lar talvez de gloria,
Nesta côrte fallaz parca de amores
E deixaste a scismar as alvejantes
Praias do Ceará e á luz da historia
Vieste compr'ender que são traidores !

Bardo infeliz, ó filho das montanhas,
Onde contesta o céu que a vista illude
E o sabiá soluça seus amores,
Recebe um adeus de irmão que são tamanhas
As saudades que verto no alauíde
Que mais parece o canto um ai de dôres!

Côrte—1876.

JOSÉ LEÃO



ST/0415

